



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Leonardo de Carvalho Cecílio Cardeira Pereira

PRODUÇÃO DE ESPETÁCULOS AO VIVO EM COIMBRA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO NO SALÃO BRAZIL / JACC

Relatório de Estágio do Mestrado em Estudos Artísticos, orientado pelo Professor Doutor Fernando Matos Oliveira, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Outubro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

PRODUÇÃO DE ESPETÁCULOS AO VIVO EM COIMBRA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO NO SALÃO BRAZIL / JACC

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Produção de Espetáculos ao Vivo em Coimbra
Subtítulo	Relatório de Estágio no Salão Brazil / JACC
Autor/a	Leonardo de Carvalho Cecílio Cardeira Pereira
Orientador/a(s)	Fernando Matos Oliveira
Júri	Presidente: Doutor Sérgio Emanuel Dias Branco Vogais: 1. Doutor Fernando Matos Oliveira 2. Doutor Paulo Eugénio Estudante Dias Moreira
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos Artísticos
Data da defesa	15/12/20
Classificação do Relatório	15 valores
Classificação do Estágio e Relatório	16 valores



Abreviaturas / Acrónimos:

SB – Salão Brazil

JACC – Jazz ao Centro Clube

RUC – Rádio Universidade de Coimbra

FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

TAGV – Teatro Académico Gil Vicente

CMC – Câmara Municipal de Coimbra

DGArtes – Direcção Geral das Artes

RESUMO

PRODUÇÃO DE ESPETÁCULOS AO VIVO EM COIMBRA

Neste relatório, faz-se uma descrição do estágio curricular realizado no Salão Brazil no âmbito da assistência de produção de espetáculos culturais e artísticos ao vivo. Identificamos o Salão Brazil e o JACC, é narrada um pouco da sua história e abordam-se todas as iterações que são desenvolvidas pelo Jazz ao Centro Clube, tal como o seu papel e o seu impacto na cidade de Coimbra. Analisa-se o trabalho regular e diário no Salão Brazil, são estudados três casos específicos em que o autor participou, concluem-se várias reflexões opinativas sobre o estado do Salão Brazil, da cultura em Coimbra e lançam-se questões pertinentes sobre o futuro desta área. Estas considerações são baseadas na experiência do estagiário no Salão e noutras entidades culturais de Coimbra como a Rádio Universidade de Coimbra e o Palco RUC. É de interesse tanto para a Universidade de Coimbra como para o Salão Brazil uma partilha de conhecimentos, de experiências, de perspetivas que não só juntem as duas entidades, mas que partilhem essas novas dinâmicas que são criadas após o estágio curricular, que se possa aprender com esta partilha e que se possam desenvolver novas ligações e novas parcerias a partir deste estágio. A partir da experiência pessoal do estagiário, este Relatório deve servir como um resumo dos modos operativos, dos funcionamentos singulares e da imagem visual e identidade ideológica da entidade que hospedou o estagiário para o Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e servirá também como uma narrativa pessoal sobre o trabalho pessoal do estagiário.

Palavras-chave: Produção cultural, assistência de produção, desenvolvimento cultural, Salão Brazil, Jazz ao Centro Clube

ABSTRACT

LIVE SHOW PRODUCTION IN COIMBRA

In this report, we describe the curricular internship that I chose to work in at Salão Brazil, working mainly under the production of live artistic and cultural shows. We identify Salão Brazil and the Jazz ao Centro Clube, tell a small summary of the histories of these two entities and all the different projects and initiatives that are developed there and finally we analyse its impact and role in Coimbra. On a more direct note, the day-to-day work on the Salão and three different case studies are approached and detailed. I defend some personal perspectives on the state of culture in Coimbra, the Salão's future and lastly I raise questions that might be the bigger dilemmas that the city is facing against. It is of both the University's and the Salão's interest that this knowledge, these experiences, these perspectives not only draws together both entities, but also enriches them with the sharing of these dynamics that are created after the internship, with the new learnings being shared through this report. It is also the hope that this type of internships permits the development of new connections and new partnerships. Starting from the personal experience of the intern, this Report should serve as a summary of the operative methods, of the unique types of work and of the visual image and ideological identity of the Salão Brazil for the Department of History, European Studies, Archeology and Arts of the Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, and it should serve also as a personal narrative about the intern's personal work.

Keywords: Cultural production, production assistance, cultural development, Salão Brazil, Jazz ao Centro Clube

Contents

1. Introdução	1
2. O Jazz ao Centro Clube	3
a) História e Identidades	3
b) Iterações	6
c) Papel na cidade	12
d) O lugar na baixa de Coimbra	14
3. Estágio no Salão Brazil / Jazz ao Centro Clube	16
a. Breve descrição de atividades e rotinas.....	16
b. Exemplos	20
i. Jazz ao Centro Encontros Internacionais do Jazz em Coimbra	20
ii. A editora Cena Jovem.....	23
iii. A subsistência do Salão Brazil em Coimbra.....	25
4. Considerações sobre o estado da cultura em Coimbra.....	29
a. Reflexões pessoais sobre o estado e o futuro do Salão Brazil	29
b. Sobre o horizonte futuro da cultura em Coimbra	33
5. Conclusão	35
6. Bibliografia, Webgrafia e Fontes Consultadas.....	37
7. Anexos	38
Entrevista a José Miguel Pereira, presidente, coordenador geral e diretor artístico do JACC	38
Posters dos espetáculos em que participei como membro da produção.....	44

\

1. Introdução

Desde o final do primeiro ano do mestrado em Estudos Artísticos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, quando decidi escolher a rota do estágio curricular para finalizar esse mestrado, pensei em inúmeras entidades culturais portuguesas que conhecia que poderiam alojar o meu estágio. Depois de esforços (muitos deles em vão) para obter uma solução à minha necessidade, o Jazz ao Centro Clube (JACC) aceitou que eu estagiasse no Salão Brazil, espaço que explora.

É importante mencionar já, antes de estendermos um pouco esta narrativa, que depois de cerca de 15 contactos tentados e vários telefonemas para entidades, nenhuma das entidades que inquirimos respondeu a qualquer dos contactos – facto que sinaliza uma dificuldade de transição para o mercado de trabalho na área de produção e gestão cultural e, num plano mais largo, uma ausência de ligação ao ensino superior da área. Estas dificuldades são consequência de um panorama cultural (que discutivelmente afeta Portugal na integridade) com cada vez menos presença no dia-a-dia de muitas audiências e com um aumento significativo de condições financeiras proibitivas para a sustentabilidade de salas de espetáculos. Neste segundo argumento, podemos abordar o fecho do *Metropolis Club*, o *Bar Oslo* e o *Sabotage* em Lisboa, o *Rés de Rua*, a *Cave 45* e o *Aniki Bobó* no Porto, as dificuldades de financiamento do *Teatrão* e a inacessibilidade local ao *Fado ao Centro* em Coimbra que resultam de um processo de gentrificação e de falta de financiamento. Estes impedimentos serão alvo de uma reflexão crítica neste relatório, baseando-me na minha própria experiência com o JACC e em literatura devidamente referenciada.

O Salão Brazil é um pilar cultural para Coimbra já há mais de 15 anos, situando-se no coração da Baixa de Coimbra – e apesar de ter escapado, no final de 2019, de condições financeiras que proibiriam o contínuo do JACC com a ajuda da Câmara Municipal de Coimbra, que exerceu o seu direito de preferência para a compra do edifício do Salão Brazil (dado o seu estatuto de edifício histórico), os dilemas do JACC estão na gama da instabilidade de audiências, de uma falta de fomentação para a cultura e consequente falta de fundos e de um afastamento da população do consumo cultural dentro da cidade. No entanto, e apesar de parecer que é impossível suceder, o festival Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra celebrou este ano a sua 18ª edição; o Salão continua a ter noites de casa cheia; o JACC mantém a editora JACC Records, que lançou em outubro passado o seu 37º disco; mantém também a editora Cena Jovem, dedicada unicamente a dar uma plataforma a jovens músicos de jazz; o Salão Brazil oferece programação cultural e musical todas as semanas e ainda oferece um Serviço Educativo que colabora com as escolas de Coimbra.

Esta luta quase incansável para que haja uma oferta cultural forte e diversificada em Coimbra, mesmo que se possa discutir o alcance ou a mais-valia dela, é o que representa da melhor maneira, na minha opinião informada, os dilemas que muitas salas culturais portuguesas têm. Depois dos meus três

meses no Salão Brazil, a sensação que permanece é que a qualidade e a quantidade da oferta cultural numa cidade como Coimbra é subapreciada e subutilizada, mas que o esforço que se faz é um esforço de educação, um esforço de abertura de novos mundos e relações e, mais importantemente, um esforço de como a cultura deve ser distribuída e criada.

Neste relatório de estágio, serão objeto de estudo mais aprofundado 3 casos de estudo. Os Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra, um projeto ambicioso que reúne músicos de jazz internacionais em várias salas de Coimbra durante dois fins-de-semanas no final de Outubro e é uma referência da cena jazz em Portugal. Estes dois fins-de-semana foram uma das experiências de gestão e produção cultural mais interessantes que já tive, devido à quantidade de concertos diferentes em locais diferentes e à expansão temporária do Jazz ao Centro Clube para mais de 10 locais em Coimbra. A questão de ser um festival internacional tem também variações interessantes em relação a uma produção local;

O meu envolvimento com a editora Cena Jovem, fundada pelo JACC, será também abordado mais aprofundadamente devido à relação interessante sobre a qual é criada: entre uma intenção de lançar músicos jovens e dar-lhes uma plataforma para exporem o seu trabalho e o papel autodeclarado do Jazz ao Centro Clube para expandir a cena do Jazz em Portugal e educar os públicos sobre ela. Sendo um clube de jazz autodenominado, será relevante debater os objetivos, os processos e as intenções do JACC com a Cena Jovem.

Finalmente, explorarei os conceitos de programação do Salão Brazil em Coimbra para descodificar um pouco a escolha da sua oferta cultural, os seus processos e funcionamentos logísticos e os protocolos em que participam no sentido de descortinar e explicitar as operações do Salão Brazil na cidade e como são mantidas. Neste tópico, será importante também abordar a nova relação do Salão Brazil com a Câmara Municipal de Coimbra devido ao exercício de direito de preferência ter sido executado pela CMC no final de 2019 sob o prédio que o Jazz ao Centro Clube explora. Esta relação mostra um interesse governamental na atividade sociocultural coimbrã que também será de nosso interesse abordar.

O último capítulo será dedicado à minha perspetiva sobre o Salão Brazil, sobre o meu estágio curricular, sobre a cena sociocultural onde o SB e o Jazz ao Centro Clube se inserem, sobre a cidade onde o SB opera e um pequeno debate com José Miguel, presidente do Jazz ao Centro Clube, sobre o estado da cultura na cidade de Coimbra.

2. O Jazz ao Centro Clube

a) História e Identidades

No segundo semestre do primeiro ano do mestrado em Estudos Artísticos (Ciências Musicais), tive a oportunidade de ouvir diretamente de José Miguel, presidente atual do Jazz ao Centro Clube, uma história do JACC e do Salão Brazil que me elucidou sobre o estatuto que tem obtido durante os últimos 17 anos.

Fundado em abril de 2003, é um dos resultados dos esforços culturais do ano da Capital Nacional da Cultura em Coimbra em conjunto com a dinâmica criada pelo Festival Jazz ao Centro – Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra – condições que deram fulgor a novos projetos culturais e à dinâmica de produção e criação artística e cultural na cidade coimbrã (tal como noutras cidades portuguesas). Inicialmente, apenas se exprime com o Festival Jazz ao Centro, um festival itinerante que tinha os seus valores dedicados à promoção, divulgação e formação musical, com o jazz em primeiro plano. Estes valores continuam a ser os primários valores do JACC, tendo desde o início expandindo a sua ação em cada uma das “tarefas” que assumiram. Assumindo-se como um clube de associados depois da vontade de haver concertos regulares em Coimbra, constitui-se a Associação numa união de sócios para levar à frente a proposta de oferecer a Coimbra um trabalho significativo na área do jazz.

A chegada ao Salão Brazil, que funcionara até esta altura como restaurante e salão de jogos, foi em outubro de 2012, mês em que o espaço começa a ser gerido pelo JACC. Esta chegada é quase “destinada”, dado que uma boa parte dos concertos do Festival Jazz ao Centro começam a ser feitos no próprio Salão em 2006. Estes concertos “semi-regulares” no Salão Brazil tornam-se relevantes na história entre o JACC e o Salão Brazil devido às festas *‘after hours’* dos concertos a merecerem especial destaque no contexto do Salão Brazil como anfitrião.

Em 2012, então, o Salão Brazil passa a ser a “casa” do JACC (com apoio da DGArtes e da Câmara Municipal de Coimbra, depois de uma oferta do dono do Salão Brazil nesse ano) contendo todos os serviços que começara a oferecer como Festival. A ausência de um espaço em Coimbra que dedicasse a sua programação à música ao vivo motiva esta “sedentarização” do JACC e desde esse ano que oferece uma programação cultural regular no nº 3 do Largo do Poço. Com lotação de noventa e nove lugares na sala de espetáculos que tivera sido um restaurante até 2012, no 1º andar, com alojamento, escritórios e arrumações no 2º andar, o Clube oferece concertos e performances de inúmeros géneros musicais, eventos culturais de declamação de poesia, workshops elaborados e promovidos pelo Serviço Educativo do Jazz ao Centro Clube (oficializado em 2015); nele também é feita a gestão do site jazz.pt; a gestão da JACC Records (criada em 2010); o desenvolvimento dos Encontros de Jazz nas Aldeias de Xisto; o

desenvolvimento do evento “Sons da Cidade”; a gestão da recente editora ‘Cena Jovem’ (para a qual também contribuí algum tempo), e, finalmente, a gestão do Clube UNESCO formado dentro do JACC. Daremos um pouco mais de atenção a estas iterações do JACC no subcapítulo seguinte.

É importante mencionar também os objetivos e a ideologia do JACC: centrados no domínio cultural que se denomina artes do espetáculo, mas também na gravação de som, na edição de música, na investigação e na educação, na edição de livros e na divulgação, difusão e valorização do património cultural. Estes objetivos materializam-se nos “Eixos de Desenvolvimento” do programa artístico do JACC/Salão Brazil; compostos bienalmente para delinear o percurso que estas entidades querem seguir. Para os próximos dois anos, os eixos são a criação artística própria e o apoio à criação, uma programação artística multidisciplinar, a produção de informação e conhecimento dedicado às práticas artísticas e, finalmente, a mediação artística, o desenvolvimento de audiências e o contributo para a comunidade e o desenvolvimento sustentável do território onde o JACC atua.

Estes objetivos sobre os quais o Salão Brazil opera são estabelecidos também no site online do JACC:

- “Promover o acesso a obras que apresentam abordagens muito diferentes e, sobretudo obras que não encontram espaço de apresentação noutros espaços culturais da Cidade de Coimbra, integrando-se no eco-sistema cultural urbano e contribuindo para a sua riqueza e diversidade;
- Fornecer meios de participação e contacto directo com os artistas, propiciando momentos privilegiados de encontro, aprendizagem e convivialidade;
- Albergar um projeto sócio-educativo coerente, que desenvolve atividades de espectro muito alargado e que se relaciona com a(s) comunidade(s), fortalecendo a sua formação e participação artísticas;
- Apoiar a criação, acolhendo em residência artistas e coletivos de diversas áreas artísticas e, no caso concreto da música e artes sonoras, apoiar a gravação com vista a posteriores edições discográficas.”

Numa conversa com José Miguel Pereira, o presidente atual do Jazz ao Centro Clube, retive que é a partir da identidade do JACC que os eixos que querem abordar são definidos. Num universo muito alargado, sem limites para o tipo de atividades que querem fazer, a expressão do trabalho do Clube formaliza-se pelo serviço educativo, pelos concertos, pela oferta para a cidade, pela abertura e pela presença de discussão no Arquivo Histórico Digital – linhas que o próprio referiu como “guidelines” que qualquer sítio em qualquer cidade deve seguir em relação ao respeito e à integridade das dinâmicas locais. Estes eixos retêm neles o carácter distintivo do Salão e dão-lhe o potencial para funcionar como um

espaço de participação e reconhecimento ativo das artes e da cultura, ambos fatores que beneficiam o crescimento pessoal, o fortalecimento comunitário e o desenvolvimento socioeconómico.

b) Iterações

O estabelecimento do JACC no Salão Brazil em 2012 permitiu e tem permitido que o Clube possa expandir a sua oferta e tornar-se numa entidade não só cultural, mas também educativa, comunitária, editorial, curatorial e comunicacional. Neste subcapítulo, damos destaque e descrevemos estas iterações que o JACC tomou para fortalecer a sua presença e o seu impacto na cidade.

Podemos anotar uma pequena cronologia destas iterações:

2003 – Nascimento dos Encontros Internacionais de Jazz

2005 – Criação da revista bimestral jazz.pt

2007 a 2012 – Festival Itinerante Portugal Jazz

2010 – Fundação da editora JACC RECORDS

2012 – Fixação do JACC no Salão Brazil

2012 – Desenvolvimento do projeto Xjazz – Ciclo de Jazz das Aldeias de Xisto

2013 – Colaboração com Luís Antero para a criação do Arquivo Sonoro do Centro Histórico de Coimbra

2015 – Constituição do Serviço Educativo do Jazz ao Centro Clube

2017 – Início do Projeto Dar a Ouvir: Paisagens Sonoras da Cidade

2018 – Disponibilização pública do Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra

2018 – Criação do projeto Cena Jovem jazz.pt

2018 – Começo da gestão do Clube UNESCO Coimbra – Arte, Património, Comunidade.

Começamos este “inventário” com o Serviço Educativo do Jazz ao Centro Clube (SE JACC). Criado em 2015 e apresentando-se como um espaço de mediação e criação artísticas no âmbito da música, tem sido fundamental para ligar e relacionar os vários domínios e funções culturais do JACC. Está vocacionado para a realização de atividades que têm o objetivo de educar os públicos de Coimbra de diferentes faixas etárias com ferramentas para a compreensão, fruição e envolvimento ativo das pessoas nos processos de criação artística de diferentes práticas musicais.

O SE JACC, é, assim, uma expressão de continuidade do trabalho que o JACC promove, desde a criação artística aos projetos centrados no território e na cidadania. Partindo do querer que o trabalho do JACC não fique contido nele próprio, os objetivos do SE são:

- “Fortalecer a rede de trabalho entre as diversas valências e projectos do Jazz ao Centro Clube: Arquivo Digital CHC, Clube UNESCO Unesco, programação do Salão Brazil, Festival Jazz ao Centro e projetos editoriais;”
- “Proporcionar oportunidades de reflexão crítica e o cruzamento das práticas artísticas com temas da actualidade, criando espaços de diálogo entre os artistas, académicos, ativistas e comunidades;”
- “Contribuir para a consolidação do Jazz ao Centro Clube enquanto estrutura de criação artística, dando suporte aos projectos no contexto do Salão Brazil, Festival Jazz ao Centro, Sons da Cidade, Dar a Ouvir, XJazz, etc.”

Podemos referenciar também alguns dos projetos que o SE JACC desenvolveu até agora.

Em 2017, em colaboração com o Município de Coimbra e com o paisagista sonoro Luís Antero (que desde 2008 desenvolve “um trabalho de recolha e documentação do património acústico de várias zonas do território nacional, com base em gravações sonoras de campo”, o projeto Dar a Ouvir: Paisagens Sonoras da Cidade e o Arquivo Sonoro do Centro Histórico de Coimbra é criado e pensado pelo SE JACC com o intuito de aglutinar várias disciplinas artísticas com o ponto de partida nas paisagens sonoras da cidade captadas por Antero. Estas disciplinas “de uma forma ou de outra, têm tratado da «ecologia acústica, unindo várias preocupações das sociedades contemporâneas, desde logo as questões ligadas ao mundo urbano e rural, a crise «ecológica» e a importância da escuta no (re)conhecimento do Mundo.”

Este projeto fixa-se no mesmo ano em que é criado no Convento São Francisco e é neste novo espaço cultural que são apresentadas propostas de artes performativas e musicais para todos os públicos e criadas oficinas e *workshops* que apelam à participação da comunidade na criação de projetos artísticos que fazem uso dos elementos sonoros provenientes das múltiplas paisagens que são os pilares constituintes do projeto principal.

Do site do JACC, retiramos uma descrição deste projeto: “As sonoridades características de uma cidade, além de um ingrediente cultural surpreendente para o trabalho artístico, compõem a sua identidade. Considerando a relevância deste património, um dos principais objetivos do Dar a Ouvir é partilhar, em cada edição, o trabalho de recolha e incorporação de novos registos no Arquivo Sonoro do Centro Histórico de Coimbra, em especial através da exposição do Mobiliário Sonoro 01 (MS01). Este dispositivo interativo, desenvolvido com base numa parceria entre o JACC e o Computacional Design and

Visualization Lab do Centro de Informática da UC, oferece a oportunidade de explorar criativamente as paisagens sonoras da cidade.”

Outro dos projetos que é criado por consequência do trabalho do SE JACC é o Clube Unesco Coimbra: Arte Património e Comunidade. Através do papel do SE JACC enquanto curador e produtor do projeto ‘Sons da Cidade’ (celebratório da introdução da Universidade de Coimbra e das freguesias de São Bartolomeu, Sé Nova, Sé Velha e de Santa Cruz na lista de Património Mundial da UNESCO), o Clube UNESCO Coimbra foi integrado na Rede de Clubes UNESCO em abril de 2018.

As suas principais áreas de interesse e intervenção são:

- “Criatividade, Arte e Comunicação;”
- “Cidadania e Participação Jovem;”
- “Interculturalidade;”
- “Inclusão Social e Comunitária;”
- “Direitos Humanos;”
- “Educação Artística e Musical;”
- “Património Mundial e Imaterial.”

Alguns dos eventos organizados ou co-organizados pelo Clube UNESCO incluem o projeto Sons da Cidade, sessões de cinema, concertos, oficinas didáticas, seminários e mais. A maioria destes eventos são colaborações com entidades da cidade como a Rádio Universidade de Coimbra (o projeto “RUCriar Caminhos”), a editora Xerefé ou o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

Sendo o trabalho para a comunidade um dos principais focos para o JACC desde a sua fixação no Salão Brazil, a lente do Clube esteve sempre virada para projetos de aproximação à comunidade que o rodeia, para poder contribuir para a “valorização e transformação criativa, social e urbana do Centro Histórico de Coimbra.”

Esta lente virou-se em 2016 para um trabalho museológico que se materializou num espaço físico: o projeto Museu Temporário de Memórias “patente num antigo Armazém de Fazendas, no Beco da Rua Velha”, presente nessa rua entre Junho e Setembro de 2016, que “reuniu num espaço físico algo que” o JACC desejava “transformar numa plataforma digital: a possibilidade de reunir conhecimento sobre o CHC, a partir de fontes – documentos e objetos – que dariam corpo a algo que se assemelhe a um ‘museu virtual’, mas igualmente fomentar a criação artística com base nos conteúdos reunidos na plataforma, bem como possibilitar a participação e o envolvimento comunitário através de contributos efetivos para a criação de dados (imagens, testemunhos, etc)”.

O projeto do Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra, desenvolvido numa parceria entre o SE JACC e o Departamento de Engenharia Informática (DEI) da Universidade de Coimbra, é pensado para interpretar informação e literatura sobre o CHC e tem logo o intuito de “propor novas formas de conhecer o CHC”, partindo do uso do e com o objetivo de disponibilizar o Arquivo Sonoro do CHC, a colaboração anterior com Luís Antero de que já falámos e que continuou a ser desenvolvido pelo JACC em parceria com o DEI.

Este esforço de materializar digitalmente o trabalho museológico e de arquivo que já tinha sido começado concretizou-se no projeto de Mestrado de Daniel Lopes, um estudante de Design e Multimédia: a criação de um website que procurará ser um repositório de conhecimento sobre a Baixa e a cidade de Coimbra. Havendo potencial claro neste projeto como um que promove o conhecimento da história de Coimbra e da própria cidade, a colaboração é alargada e conta com o trabalho do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo e da Licenciatura e Mestrado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e com o trabalho do Centro de Estudos Sociais. Os estudantes destes cursos trabalharam na pesquisa, na produção e na inserção de conteúdos no site, adicionando ainda outro nível de interligações entre as entidades culturais e educativas em Coimbra.

“No futuro próximo, esta plataforma digital procurará assim constituir-se como um repositório de conhecimento sobre a Baixa e a cidade de Coimbra, ao mesmo tempo sendo ferramenta de ativação de projetos que criam relações entre a Academia e a Cidade para o desenvolvimento de iniciativas comunitárias, de pensamento crítico e criativo para a Cidadania.”

Podemos dar um grande destaque também à jazz.pt, uma revista online dedicada ao jazz e à música improvisada. Fundada em 2005, com edição em papel até 2013, ano em que começa a ser divulgada apenas pela internet, permitindo uma maior audiência. É a única revista musical que cobre unicamente o jazz e a música improvisada em Portugal e já conta com 15 anos de edições, um “caso ímpar na história do jornalismo musical português.”

Nos géneros que aborda, a atividade nacional da indústria musical é privilegiada e noticiada quase todos os dias na forma de agenda, notícias, entrevistas, artigos de fundo, reportagens de eventos e crítica de discos. As atuações ao vivo em Portugal e os novos lançamentos de músicos de jazz e de improvisação internacionais também recebem cobertura.

Para a redação e produção da jazz.pt contribuem 17 críticos e jornalistas, 5 fotógrafos, 4 artistas visuais e desenhistas e 2 desenvolvedores de website. É diretor e editor o prestigiado Rui Eduardo Paes, que também é autor de muitas das críticas. Esta revista continua a ser editada em 2020, e no biénio 20/21 “dará continuidade ao trabalho de potenciar o papel da jazz.pt enquanto fórum de informação, reflexão,

partilha e produção de conhecimento. A par disso, tem como preocupação central sinalizar e apoiar os novos talentos da cena musical portuguesa, promovendo o jazz que se faz em Portugal: a Cena Jovem JAZZ.PT.” Darei atenção especial a esta editora nova pela minha perspetiva um pouco mais tarde, dado que uma parte do meu estágio foi dedicada a ajudar lançar o primeiro disco da editora, mas vale mencioná-la neste capítulo.

A justificação para a criação deste projeto centra-se no conhecimento de que o jazz em Portugal é vasto e rico; apesar disso há poucas oportunidades para os novos estudantes do jazz poderem desenvolver, manter e criar ligações com novos públicos e locais de apresentação. Esta iniciativa, sob a alçada do JACC e da revista jazz.pt, ganha um potencial transformador na saída de novos músicos para o panorama cultural devido ao acesso direto dos músicos a um Clube com uma presença estabelecida na comunidade cultural e com acesso direto a ferramentas para expor e demonstrar arte ao vivo. O critério para esta editora é que os músicos tenham nascido após 1 de Janeiro de 1993, limitando a sua seleção a artistas com menos de 27 anos. Após a primeira chamada, realizada entre 10 de dezembro de 2018 a 4 de janeiro de 2019, um grupo composto por Rui Eduardo Paes, Pedro Guedes (membro da ESMAE e da Orquestra Jazz de Matosinhos) e Helena Génésio (diretora e programadora do Teatro Municipal de Bragança) foi formado para escolher o segundo lançamento da Cena Jovem, tendo o primeiro conjunto selecionado, o Frágil Quinteto, sido selecionado pelo JACC como ato inaugural da editora. Este quinteto teve o seu disco, *Dura Natureza*, editado em outubro de 2019 e tive a oportunidade de fazer parte do processo de lançamento do disco e do seu envio à crítica.

A missão fulcral da Cena Jovem será apoiar a criação e a edição discográfica através de uma série de iniciativas de promoção, divulgação e circulação nacional de jovens artistas. Estas iniciativas serão também colaborativas entre entidades e estruturas culturais - uma “Rede de Parceiros [...] de Norte a Sul do País”, escreve Rui Eduardo Paes na jazz.pt.

Continuando com iterações focadas na edição e criação artística, o JACC fundou há 10 anos a JACC Records (JR), uma editora focada no jazz e na música de improviso baseada em Coimbra. Lê-se no *website* do JACC que no biénio 20/21, a JR planeia editar “entre 10 a 12 discos, dos quais a esmagadora maioria resultará de encomendas do Jazz ao Centro Clube.” Muitos dos lançamentos da JACC Records são primeiros trabalhos, mas também há espaço para músicos já estabelecidos na indústria “e que olham para a JR como o veículo ideal para a edição dos seus trabalhos”.

A última iteração de que falaremos em descrição é uma que já mencionámos acima: o projeto Sons da Cidade, criado para celebrar a inscrição da UC na Lista de Património Mundial da UNESCO com as suas metas fixadas na reflexão e intervenção artística. Uma colaboração tripartida entre o JACC, a CMC e a UC, sugere-se na sua descrição no site *jazzaocentroclube.pt* uma “(re)descoberta) e novas leituras da

Cidade através do cruzamento de vários patrimónios: do edificado à língua e à música, da imagem à palavra e desta ao corpo e ao seu movimento no espaço-tempo.” Feito anualmente desde 2013, sempre com um tema distinto baseado na reflexão artística acerca do estatuto do Património Mundial, as premissas para o seu trabalho são a ponderação sobre o Património material e imaterial, a influência do Património na vida sociocultural da cidade e o desenvolvimento sustentável das comunidades.

Concluindo este pequeno inventário da extensão do JACC além da sua oferta regular no Salão Brazil, podemos retirar a conclusão de que o Clube está e sempre esteve permanentemente dedicado a “dar de volta” à comunidade onde se situa. O desenvolvimento, a criação e a subsistência de projetos educativos, culturais e históricos notam claramente uma dedicação esforçada para que o JACC tenha um impacto e uma influência positiva em Coimbra. Este esforço e esta dedicação dão ao Clube uma importância significativa na cidade e no país inteiro, tornando Coimbra numa localização com uma oferta cultural forte e diversificada, atraindo não só audiências locais mas do resto do país. Deste esforço também são consequências as boas relações que o JACC mantém com instituições governamentais (como a CMC), com entidades culturais (note-se a quantidade de locais em que os concertos dos Encontros Internacionais do Jazz em Coimbra são feitos), com os artistas que são editados e lançados pela JACC Records (que adiciona outra quantia de prestígio ao Clube) e até com outros curadores de cultura da cidade (leiam-se as colaborações com o Festival Lux Interior e o Festival Apura). A quantidade de projetos e criações que partem do JACC é algo extremamente difícil de sustentar em Portugal devido às dificuldades financeiras que a maioria das entidades culturais sofrem – ver que estas iniciativas de retribuição à comunidade têm sucesso e causam um impacto real na cidade é um sinal positivo e que deveria propor um impulso largo ao financiamento da cultura.

c) Papel na cidade

A oferta de cultura em Coimbra não é residual; entre o Salão Brazil, o Convento São Francisco, o Oficina Municipal de Teatro (Teatrão), o Teatro Académico Gil Vicente, a Rádio Baixa e o Fado ao Centro, não descurando a oferta cultural mais irregular de algumas instituições não unicamente focadas na cultura, como o Liquidâmbar, a Rádio Universidade de Coimbra e a Casa das Artes Bissaya Barretto, há pelo menos 10 entidades que oferecem algum tipo de cultura “ao vivo”. Esta diversificação de espaços pode notar alguma segmentação e divisão de públicos, o que acaba por acontecer – mas muitas vezes, os agentes culturais em Coimbra não conseguem subsistir apenas dos lucros da sua oferta cultural – e mais tarde analisaremos mais profundamente estas hipóteses. Descreveremos e discutiremos então neste capítulo o papel único na cidade que o JACC construiu.

O JACC é uma das entidades mais prolíficas de Coimbra. Num ano normal (como foram os 3 meses durante o meu estágio), há espetáculos durante o ano inteiro marcados para virtualmente todas as sextas e sábados e, por vezes, quintas e domingos, raramente noutros dias da semana. Durante o estágio curricular, começado em outubro e acabado em dezembro, fiz parte da equipa de produção de espetáculos em pelo menos todas as sextas-feiras e sábados de todas as semanas desses meses. Adicionando a este número de espetáculos, em muitas semanas a programação estende-se para um ou dois outros dias da semana, tendo em conta a irregularidade nas datas de concertos e *tours* de artistas nacionais e internacionais. O Salão Brazil hospeda e oferece cerca de 110 concertos por ano, com este número a tendencialmente ser maior, com o ano a ser dividido em 4 temporadas, compondo assim uma programação trimestral.

Apenas durante a duração do meu estágio, houve 32 noites de espetáculo, muitas delas com vários concertos por noite. A variedade e o número de espetáculos são altos: apesar da maioria serem concertos, houve sempre espaço no Salão para outros eventos como concertos literários, declamação de poesia e apresentação de livros. O JACC e, mais especificamente, o Salão Brazil são espaços e entidades cuja presença na cidade é de extrema importância para o panorama cultural. A população de Coimbra tem, invariavelmente e pelo menos, 2 eventos culturais por semana num local geograficamente central, com preços não proibitivos e com apelo generalizado. Esta regularidade é também importante para a retenção dos públicos.

O bar do Salão Brazil também oferece um lugar para beber, e muitas vezes abre antes dos espetáculos começarem e fecha depois de acabarem, permitindo que o espaço seja também de convívio – muitas vezes, e devido ao ambiente acolhedor da casa, os próprios artistas ficam a conversar com membros do público, a vender *merchandising* ou simplesmente a relaxar após o seu espetáculo. Aliando

este bar, apesar de ser uma pequena parte do SB, à oferta enorme de cultura que o JACC sustém durante o ano inteiro, retemos a imagem de que o Salão é um sítio de envolvência de públicos, de reunião de artistas com a cidade e os seus habitantes e de difusão de conhecimentos e *know-how*.

Institucionalmente, o JACC é também uma das entidades que mais colabora com a CMC e com a UC, desenvolvendo vários projetos e promovendo a colaboração cultural sob a alçada do projeto 'Dar a Ouvir', que envolve profundamente a cidade e a história de Coimbra. Esta relação institucional permitiu a que em finais de 2019, a Câmara Municipal de Coimbra tenha exercido o direito de preferência sobre o prédio onde o Salão Brazil está instalado, emitindo em comunicado de imprensa que reconhece valor socio-cultural ao uso que tem sido feito nele pelo JACC e assegurando "a continuidade da dinamização de actividades sócio-culturais já existentes naquele edifício, nomeadamente do Jazz ao Centro Clube, o que eventualmente poderia ser colocado em causa com uma transacção do imóvel para investidores privados".

Esta decisão foi aplaudida pelo JACC, que refere que o Salão Brazil "ao longo de muitas décadas, tem sido uma referência local nos hábitos de muitos conimbricenses" e que "ao adquirir o edifício e ao garantir a continuidade das suas funções culturais, o Município de Coimbra fará um investimento que salvaguarda não só a dimensão artístico-cultural, mas que serve igualmente os interesses mais alargados da cidade em dinamizar o seu centro histórico". Este sentimento é partilhado pela CMC, que vê o Salão Brazil como uma "ancoragem de actividades sócio-culturais na 'Baixa' de Coimbra" e como uma "mais-valia estratégica para o importante processo que a Câmara Municipal vem desenvolvendo, em termos culturais e socio-económicos".

Para fechar este subcapítulo sobre o papel em que se insere, mencionamos a mais de uma vintena de protocolos de colaboração em vigor, a maioria deles expressando uma colaboração efetiva.

d) O lugar na baixa de Coimbra

Para concluir a nossa análise da identidade do Jazz ao Centro Clube e do próprio Salão Brazil, dedicaremos este último subcapítulo do primeiro capítulo a discutir um pouco a localização do SB e o impacto dessa localização na baixa de Coimbra.

O local em que o Salão Brazil se situa é privilegiado devido à proximidade com inúmeros serviços institucionais da cidade; devido à zona histórica da Baixa de Coimbra ser uma zona turística importantíssima para a cidade; devido à proximidade com entidades da baixa; devido a partilhar esta parte da cidade com outras entidades culturais e devido à facilidade de acesso que tem, estando situado numa das zonas com mais tráfego pedonal na cidade.

Esta presença na Baixa permite desenvolver relações de confiança e entreaajuda com outras entidades da baixa, como a distribuição de bilhetes por 4 lojas da baixa (Gang of Four, Camponeza, Coola Boola Collab e Lucky Lux Record Store. Fora da baixa, no Fórum Coimbra, a loja Mau Feitio), que fazem a pré-venda dos bilhetes e a venda dos bilhetes nos dias dos concertos, servindo um serviço de expansão de bilheteira do Salão Brazil durante o dia e, tempo em que o SB costuma estar fechado à conta da preparação da sala e do trabalho de escritório que necessita de ser feito, e servindo potenciais clientes às lojas. Outras relações de entreaajuda resultam muitas vezes em empréstimo de material, como por exemplo os estrados que servem de palco a serem emprestados ou movidos para outros locais para se conseguirem realizar concertos, ou até para o SB se for preciso mais espaço de palco. Para alguns concertos dos Encontros Internacionais de Jazz, algumas vezes tiveram de ser emprestados instrumentos a músicos internacionais, instrumentos esses que são cedidos por lojas ou por escolas de música da cidade. Este tipo de transação não acontece sem uma relação de confiança que só pode ser desenvolvida depois de muito trabalho feito para a comunidade e de retribuição à própria comunidade e é notável que a presença estabelecida e histórica do JACC na cidade tenha resultado em muitas conexões positivas para a cidade.

Resultante destas relações, é significativo mencionar que o JACC consegue-se expandir para qualquer sítio da cidade se for necessário. O maior exemplo disto é o Festival Encontros Internacionais de Jazz, que em 2019 aconteceu no Salão Brazil, no Convento São Francisco, na Rádio Universidade de Coimbra, no Museu Nacional Machado de Castro, na Casa das Artes Bissaya Barreto, no Centro Norton de Matos, no Colégio da Graça (Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes), no Teatro Académico Gil Vicente, na Coola Boola Collab, na Casa da Mutualidade/APP e ainda no Centro de Artes Visuais – 16 concertos em 11 espaços diferentes. Este ano, marcado pela pandemia global da COVID-19, o JACC conseguiu realizar, mesmo assim, 12 concertos em 7 espaços – no Salão Brazil, no Convento

São Francisco, no Museu Nacional Machado de Castro, no Colégio da Graça (Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes), no Teatro Académico Gil Vicente, mantendo as relações já estabelecidas e continuando a mostrar jazz internacional em locais significantes da cultura em Coimbra, e ainda voltar ao Mosteiro de Santa Clara-a-Nova e à Oficina Municipal do Teatro para apresentar a novos públicos o foco do Festival.

Finalmente, é importante também mencionar que, a distância pedonal do SB, se encontram muitos dos recursos que o JACC precisa para manter o SB a operar. No meu estágio, não foram poucas as vezes que algo era preciso urgentemente e era comprado na hora, numa das mercearias ou lojas mais específicas na Rua Ferreira Borges ou nas ruas paralelas ao Salão Brazil. Esta proximidade a mercearias, a um dos mais privilegiados espaços comerciais em Coimbra (a Rua Ferreira Borges), a hostéis e a outros centros de consumo é uma das razões para o SB estar tão integrado na Baixa como está. Ser vizinhança de património histórico reconhecido pela UNESCO permite também que muitos turistas e visitantes de Coimbra passem pelo e vejam o Salão Brazil como um marco da cultura em Coimbra. Inclusive, na bilheteira recebíamos muitas pessoas a perguntarem o que é que o Salão Brazil era e a ficarem para concertos.

3. Estágio no Salão Brazil / Jazz ao Centro Clube

a. Breve descrição de atividades e rotinas

No primeiro dia em que trabalhei no Salão Brazil, o concerto foi dado por Allen Halloween, conhecido ex-rapper português de origem guineense, poucos meses antes de se retirar da indústria musical. Um bom presságio, na minha opinião, pois sou fã do artista. No dia 3 de outubro de 2020, fui apresentado à equipa do SB e descreveram-me o trabalho de produção habitual. A equipa do JACC presente no SB no início do meu estágio era composta por: José Miguel Pereira, coordenador geral e direção artística; Adriana Ávila, diretora de produção; João Miranda, diretor técnico; Joana Monteiro, designer; João Duarte, fotógrafo; Ana Elisabete, gestora do bar.

O trabalho regular de produção consiste em receber todas as informações relevantes para o espetáculo e para a estadia do(s) músico(s). Daí, adquiri bastantes termos e conceitos técnicos de montagem de concertos – foi-me ensinado como montar um palco, os instrumentos no palco e ainda me foram passados alguns conhecimentos de produção e de *'regie'*, que procurei por motivação própria. Dado o interesse que tinha nesta vertente de produção de concertos, uma parte mais técnica e de tratamento do som e da acústica, investi este ano também no curso de Técnica e Radiodifusão da Rádio Universidade de Coimbra, que me permitiu conjugar estes novos conhecimentos.

No início da semana, normalmente à segunda-feira, era feito um pequeno *briefing* para os concertos e as produções dessa semana; eram fixados os horários de cada membro de produção e definidas as tarefas necessárias para o bom funcionamento do Salão Brazil, como fazer compras; tratar da distribuição de posters pelos parceiros; distribuir e receber bilhetes comprados nas 5 lojas que, em colaboração com o JACC, são uma espécie de “expansão de bilheteira” que permite às pessoas comprar bilhetes fisicamente nas horas em que o Salão Brazil está fechado; enviar e receber correio relacionado com as várias iniciativas e os vários projetos desenvolvidos pelo JACC; montar a sala (leia-se dispor cadeiras e mesas ou retirá-las da sala) e o palco com os respetivos instrumentos; receber os artistas no Salão Brazil e zelar para que tenham uma boa estadia e um bom espetáculo; definir quem fica na bilheteira e quem fica a receber os bilhetes já comprados; preencher a folha de sala, onde se anotava que concerto tinha acontecido, quantos bilhetes foram vendidos e onde foram vendido e a lotação da sala; em espetáculos que atraíam um maior número de pessoas, como na noite Supernova, em que o SB recebeu 3 bandas na mesma noite, muitas vezes o bar funcionava por senhas, para aliviar o trabalho dos *bartenders*, que deixavam de receber dinheiro e apenas serviam as bebidas; fazer o fecho da sala após os concertos e deixar todo o material necessário para os espetáculos do dia seguinte (se existirem) na sala de espetáculos, para facilitar a montagem.

Este trabalho era feito por mim, pela diretora de produção Adriana Ávila e por outro estagiário, Bernardo Carreiras, empregado através do IEFP, que colaborávamos e distribuíamos as tarefas. Em algumas ocasiões, pude estar mais perto do trabalho específico de produtor sozinho, especialmente nos Encontros Internacionais de Jazz de 2019, em que, muito devido à falta de pessoal, o *staff* se teve de dividir em localizações diferentes para conseguir assegurar que todos os espetáculos corresse bem – no caso dos Encontros, a produção do concerto no Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes do projeto Siu Kiu, de Maria Villanueva e Vânia Couto esteve a meu cargo e a produção técnica ficou a cargo de um técnico que também teve de ser empregado para o festival.

Normalmente uma noite de concerto começava sensivelmente às 21H30, mas o trabalho burocrático e logístico no SB já está a ser feito desde as nove horas da manhã. Depois de almoço, começávamos a rever o plano de trabalho e fazíamos o que fosse necessário para esse dia – mover as cadeiras da sala de espetáculos para uma das arrumações, fazer a ronda pelas lojas da baixa que vendem bilhetes para os espetáculos do JACC (a Lucky Lux, loja de discos, cujo fundador, Rui Ferreira, é anfitrião do Festival Lux Interior, que também contou com um Warm-up no Salão Brazil; a Coolaboola Collab, que também já hospedou extensões de projetos do JACC; a loja de roupa Gang of Four e a loja de bebidas Camponeza, vizinhas imediatas do Salão Brazil); identificar e mover os instrumentos e os apoios necessários para o palco, se não forem os músicos a trazê-los, etc., dependendo do dia e da disponibilidade de pessoal no Salão, o tipo de trabalho ia variando.

Tive também a oportunidade de partilhar alguns momentos de produção com José Miguel Pereira, o Presidente atual do JACC, que também faz trabalho de produção diariamente. Esses momentos permitiram algumas conversas que me elucidaram sobre a significância do trabalho que fazíamos diariamente, sobre o estado da cultura, sobre como é gerir e subsistir com uma sala de espetáculos, especialmente em Coimbra. Uma das discussões que mais valeu a pena e com a qual aprendi mais foi depois do primeiro concerto do Frago Quinteto, o primeiro conjunto a ser editado pela editora Cena Jovem. A oportunidade de dar uma primeira oportunidade a músicos que saíram das suas escolas e faculdades e se deparam com uma indústria em que é extremamente difícil ter movimento vertical é algo que muitas poucas entidades têm ou querem ter, e ser uma escolha do JACC apoiar esta evolução na carreira de músicos do género que privilegiam é absolutamente excepcional e nota bem que as intenções e as ideologias do JACC se materializam em vias de sucesso.

Explicitando mais um pouco as tarefas mais regulares que me eram atribuídas, desenvolvi várias capacidades de comunicação com o público e com os músicos, tanto pelo trabalho na bilheteira, onde também aprendi a manusear o sistema informático do Salão Brazil, como pela venda de senhas, em noites mais intensas, como pela hospedagem aos artistas e na sua receção ao Salão. Em algumas ocasiões,

ofereci-me também para ajudar a montar o palco, tarefa normalmente delegada aos técnicos do Salão Brazil, mas devido à acumulação de tarefas o trabalho funcionava melhor quando o máximo de pessoas se dispunham a tratar de tarefas em conjunto – nestas montagens de palco, aprendi novos conhecimentos sobre a produção técnica de um concerto, dados pelo Diretor de Técnica João Miranda. Nos Encontros Internacionais de Jazz, repeti também o trabalho de *babysitter* de artistas, algo que já tinha feito durante a organização dos Palcos RUC 2018 e 2019, e acompanhei vários músicos que iam tocar em concertos pela cidade e pelos diferentes locais dos concertos. Ter a oportunidade de passar ainda bastante tempo na companhia de instrumentistas excepcionais e poder dialogar com eles é algo que não deve ser esquecido – retenho boas memórias de conversas em que pude partilhar com conversas sobre a arte, a cultura e a indústria com Jasper Stadhouders, John Dikeman, Onno Govaert e Marta Warelis.

Para finalizar esta descrição de rotinas e narração de alguns momentos especiais, enumero uma lista de concertos em que fui colaborador da produção:

- 3 Outubro – Allen Halloween
- 4 Outubro – Hugo Martins
- 10 Outubro – Fragoso Quinteto @ Convento São Francisco
- 11 Outubro – Warm-up Festival Lux Interior (Subway Riders + From Atomic)
- 12 Outubro - Warm-up Festival Lux Interior (Ghost Hunt + Wipeout Beat)
- Festival Jazz ao Centro
- 18 Outubro - Luso-Dutch Large Ensemble @ Salão Brazil | Matinée c/ Rui Miguel Abreu @ CABB
- 19 Outubro – Jasper Stadhouders @ RUC | Zíngaro + Warelis + Espvall + Dos Reis @ Museu Nacional Machado de Castro | Michael Moore + Hugo Antunes @ CABB
- 25 Outubro – Maria Villanueva & Vânia Couto “Siu Kiu”
- 25 Outubro – Lantana @ COOLA BOOLA COLLAB | Fish Wool
- 26 Outubro – Gabriel Ferrandini “Volúpias”
- Final do Festival Jazz ao Centro
- 22 Outubro – Carne Doce
- 31 Outubro – Festival Lux Interior @ Salão Brazil (Dirty Coal Train, The Act Ups, Flying Cages)
- 1 Novembro – Juseph + Cosmic Mass
- 2 Novembro – Valter Lobo
- 8 Novembro – A Banda Mais Bonita da Cidade
- 16 Novembro – Clothilde + Sussurro 20 anos Cosa Nostra

- 30 Novembro – Circuito Super Nova (First Breath After Coma, Lonzdale’s Fantasy, Solar Corona)
- 6 Dezembro - (D30 + A Puppet Show Named Julio)
- 7 Dezembro – Best Youth (Cherry Domino Club)
- 12 Dezembro – A RU(apresenta: David Bruno
- 13 Dezembro – The Drones + Drastiks + Clockwork Boys
- 14 Dezembro – AYOM
- 20 Dezembro – Improvisando
- 20 Dezembro – João Mortágua & Luís Figueiredo “Kintsugi”
- 21 Dezembro – The Parkinsons + Conan Castro and the Moonshine Piñatas
- 22 Dezembro – The Parkinsons + Dead Club
- 28 Dezembro – Aniversário a Jigsaw | Blue House

b. Exemplos

i. Jazz ao Centro | Encontros Internacionais do Jazz em Coimbra

Neste subcapítulo e na alçada da descrição do meu estágio e das atividades nele, achámos importante dedicar alguns parágrafos a alguns momentos mais significantes ou a vertentes do trabalho em que me especializei mais, para termos algum espaço dedicado para nos focarmos em eventos ou projetos em que participei no desenvolvimento.

O primeiro destes momentos significantes foi a organização, a produção e a logística do Festival Jazz ao Centro | Encontros Internacionais do Jazz em Coimbra. Como o evento está em produção e selecção de cartaz praticamente o ano inteiro, sendo o Festival em Outubro, quando cheguei ao Salão Brazil a discussão dos detalhes finais e da logística estava virtualmente completa. O trabalho que chegou 2 semanas depois de começar o estágio foi de rever preparações de hospitalidade, preparar e supervisionar os concertos que foram atribuídos unicamente a mim (apesar de certos concertos terem sido operados por apenas um membro, toda a equipa, nas semanas anteriores, previu todas as necessidades e preparou-se e ao Salão Brazil para mobilizar sempre que fosse preciso) - Jasper Stadhousers no Corredor da Rádio Universidade de Coimbra no dia 18 de outubro de 2019, concerto que exigiu colaboração com os técnicos da RUC e o acompanhamento de Stadhousers e dos seus instrumentos até à RUC. Aproveitei também esse tempo para distribuir alguns panfletos do Festival pela cidade. Depois do concerto, ainda houve tempo para acompanhar Stadhousers, John Dikeman, Luís Vicente e Onno Govaert até ao Museu Nacional Machado de Castro para assistir ao quarteto “Zíngaro”/Warelis/Espvall/Dos Reis e até à Casa das Artes Bissaya Barreto para assistir ao duo de Michael Moore e Hugo Antunes. Nesse dia 18 aconteceram 5 concertos que faziam parte do programa dos Encontros Internacionais de Jazz em Coimbra em 5 locais diferentes. O último desse dia e o penúltimo do primeiro fim-de-semana do Festival foi o Dikeman/Vicente/De Joode/Govaert Twenty One 4tet, que foi o último trabalho de preparação desse fim-de-semana, estando o último concerto, no Domingo, assegurado por outros membros do departamento de produção. Esta divisão demonstrou a flexibilidade possível apesar das condições adversas em que o SB se encontra – sendo difícil para alguns colaboradores estarem em locais diferentes, os concertos foram divididos para que o trabalho estivesse bem distribuído e para permitir que todos tivessem condições favoráveis para o fazer. Ainda sobre dia 18, importante mencionar que no final do dia, depois da equipa se ter esticado pela cidade para ter o controlo da situação nos vários espetáculos a acontecer, ainda trabalhou na produção de um concerto com 4 interpretes à noite, na “casa-mãe” do Salão Brazil.

Durante a semana de interregno entre os dois fins-de-semana de concertos, o trabalho logístico e burocrático no Salão continua, confirmando listas de refeições, alojamento, *riders* técnicos.

Na segunda semana, os concertos para os quais fui destacado foram o concerto de Maria Villanueva e de Vânia Couto, com o projeto Siu Kiu, que integrava também Lucas de Centi, Yoshida Carvalho e Sandra Pérez, no Colégio da Graça (o Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes) e o concerto de Susana Santos Silva, Yedo Gibson e Vasco Trilla, com o projeto Fish Wool, que aconteceu no Salão Brazil. Ambos estes concertos foram sexta-feira, dia 25 de outubro de 2019, no início do segundo fim-de-semana do festival. No dia seguinte, sábado, tive também a oportunidade de organizar a produção do DeclAMAR Poesia & Jazz, um evento itinerante organizado por Vanda Ecm, Olga Coval, Catarina Matos, Lurdes Telmo e Rui Amado, na Casa da Mutualidade/APP, com a colaboração de Filipe Furtado, um saxofonista jovem que acompanhou a declamação da poesia com música. O último concerto do Festival em que tive algum tipo de participação foi o de Gabriel Ferrandini, que, acompanhado de Hêrnani Faustino e de Pedro Sousa, apresentou o seu projeto Volúpias no Salão.

Para o concerto do projeto Siu Kiu, como foi o primeiro concerto fora de um espaço familiar a mim (que sou associado da Rádio Universidade de Coimbra há 3 anos), houve alguns percalços que tivemos de resolver na hora, sob pressão, como o fato de haver muita interferência elétrica a passar por um dos instrumentos, criando um *feedback* inconveniente e barulhento, e ainda a disposição do Colégio da Graça ser um pouco complicado para montar um concerto com 5 intérpretes, mas o espírito de “desenrascanço” acabou por prevalecer e o concerto aconteceu, com bastante público a preencher as filas de cadeiras que dispusemos em arco no relvado do Colégio da Graça. Esta experiência e a confiança que me foi dada para gerir um concerto do Festival Jazz ao Centro num espaço externo ao Salão Brazil foi algo que agradei e valorizei bastante, pois são postas à prova as capacidades de solução de problemas, de ingenuidade e de gestão de públicos e dos próprios músicos. O lema “*The show must go on!*” confirmava-se quando falamos do trabalho do Salão Brazil e nos valores que são inculcados quando fazemos parte da equipa lá. Na Casa da Mutualidade, o concerto, apesar de se ter atrasado um pouco devido ao edifício ter de ser aberto pelos responsáveis pela Casa e estes se terem atrasado, conseguimos também criar um ambiente prazeroso e que providenciou aos poetas e ao músico as melhores condições – estive acompanhado neste evento pela Adriana Ávila, que, apesar de estar muitíssimo ocupada com a direção da produção do Festival, conseguiu delegar-me algumas tarefas e ainda ensinar-me e responder a inúmeras questões operativas.

Para os outros dois concertos mencionados acima, o método foi igual à maioria dos concertos no SB – montagem e gestão da sala, com as cadeiras a formarem uma meia-lua à volta dos músicos, que tocaram no centro da sala, num concerto memorável que serviu de despedida aos Encontros Internacionais de Jazz no Salão Brazil.

O que me marcou mais durante o Festival Jazz ao Centro 2019 foi o portento real da extensão do Salão Brazil pela cidade. Fazer com que 17 concertos aconteçam em 2 fins-de-semana é um esforço monumental, especialmente tendo em conta que aconteceram em 11 espaços diferentes. A quantidade de trabalho e de dedicação que é direcionado para estes 2 fins-de-semanas é algo quase impensável para uma entidade como o JACC – a imensidão de preparação, de pré-produção, de logística e de comunicação que é precisa é algo que no final se traduz numa oferta anual muito significativa de cultura em Coimbra, uma oferta cultural quase inédita no país em proporção ao poder financeiro que o JACC tem. À parte da vertente mecânica e humana que é necessária, alia-se ter de hospedar vários músicos nos quartos do 2º andar do Salão e providenciar uma estadia agradável e a adaptação que é obrigatória ao uso de vários espaços que requer profissionalismo e um *know-how* extenso.

Apesar de todo o labor que é devotado e preciso para tudo isto correr bem, é uma aglomeração de pessoas com uma história que vale muito a pena ouvir, com saberes largos sobre matérias muito específicas, em que ligações podem ser criadas. Recordo prazerosamente alguns (poucos) momentos de calma que partilhei com músicos que ficaram hospedados no Salão Brazil, e agradeço ainda a oportunidade que tive. O Festival Jazz ao Centro, que passa despercebido a muita população de Coimbra, é realmente um dos maiores festivais do país feitos dentro de uma cidade e foi uma experiência surreal ter feito parte dele.

ii. A editora Cena Jovem

O segundo estudo de caso que abordarei será a minha participação no primeiro lançamento da editora Cena Jovem e o seguinte envio do disco a críticos e o *follow-up* subsequente.

Fundada por uma colaboração entre o JACC e a Revista jazz.pt, a Cena Jovem procura lançar novos músicos com menos de 27 anos no sentido de prestar um serviço público cultural ao incentivar a produção artística, mantendo o compromisso de demonstrar o que há de melhor no país e dar espaço para que esta arte seja desenvolvida. É um trabalho que procura quem mais precisa de um pequeno empurrão para que possa tornar a música a sua profissão única, para que possam desenvolver-se e chegar a palcos maiores.

Leia-se no comunicado de imprensa emitido pela jazz.pt na altura da fundação desta editora: “Com um enorme potencial transformador, unindo criadores, locais de apresentação e público, a Cena Jovem Jazz.pt trabalha no sentido de mitigar obstáculos no acesso aos trabalhos destes jovens criadores e demonstra a possibilidade de construção de projetos abrangentes nos seus objetivos artísticos e que respondem a necessidades reais e urgentes, tanto da comunidade artística, como dos potenciais públicos. [...] Ao transformar positivamente as condições existentes no campo jazzístico (pelo menos para um número significativo de novos criadores), a Cena Jovem Jazz.pt possui um interesse público cultural inegável.”

É uma das iniciativas do JACC que respeito e admiro mais: uma via para músicos poderem evoluir, com garantias já estabelecidas devido à própria reputação do Clube, com consequências incríveis através da edição de um disco e da oportunidade de fazer um concerto; serve bem como um excelente exemplo do trabalho real que é feito para manter e promover a cultura e a educação cultural no país.

Nesta iniciativa, tive a oportunidade de interagir diretamente com a plataforma de acesso ao e venda do disco, o Bandcamp, e ser o responsável para a disponibilização do disco *online* para o mundo inteiro. Na página do disco, que pode ser acedida em <https://cena jovem.bandcamp.com/album/dura-natureza> encontramos uma pequena descrição e crítica ao disco por Rui Eduardo Paes e um resumo do trabalho da Cena Jovem. Muita da comunicação exigida para o site foi com Joana Monteiro, designer do Salão Brazil, que desenhou o logo e o *header* da página de Bandcamp da Cena Jovem. Aliado ao trabalho de disponibilizar o disco online e definir custos de portes diferentes, o José Miguel Pereira encarregou-me também de reunir uma lista de e-mails e moradas para a divulgação editorial do disco, lista esta que continha vários diretores, programadores, curadores e membros prominentes de diferentes salas de espetáculo do País, de Norte a Sul. Definida a lista e enviados os discos, escrevemos também e-mails de *follow-up* para ter a certeza que os discos tinham sido recebidos e se havia algum plano pensado da parte

dos programadores externos, num sentido de manter uma relação e talvez incentivar à criação de um espetáculo ou de um destaque numa revista que cubra música.

Dura Natureza, o primeiro lançamento da Cena Jovem, aconteceu depois da seleção do Fragoso Quinteto (composto por João Fragoso - contrabaixista e compositor, João Carreiro - guitarrista, João Almeida - trompetista, Albert Cirera - saxofonista e Miguel Rodrigues – baterista) pelo JACC, a força motriz da Cena Jovem, num momento fundacional. As seguintes chamadas serão feitas e julgadas por um júri constituído por Rui Eduardo Paes, que será sempre jurado, acompanhado de 2 personalidades da cultura portuguesa (que irão ser diferentes para as seguintes edições) que nesta primeira edição serão Pedro Guedes (membro da ESMAE e da Orquestra Jazz de Matosinhos) e Helena Genésio (diretora e programadora do Teatro Municipal de Bragança). Depois do disco ser editado, o Quinteto teve também a oportunidade de apresentar o seu primeiro projeto no Convento São Francisco no dia 10 de Outubro de 2019 no âmbito do Ciclo Desconcertos do CSF, concerto cuja produção foi manuseada por mim e pelo próprio José Miguel Pereira.

Este momento inaugural da Cena Jovem como promotora e motivadora da cultura foi um que me satisfiz bastante – tendo já produzido concertos no Palco RUC, que é um espaço reservado para bandas que a equipa do Palco RUC acha que precisa de exposição e de um público maior, ou até de algum género que não tem tanto espaço de manobra na cidade de Coimbra, poder continuar a dar aos músicos um espaço privilegiado para se promoverem e evoluírem e aos públicos uma experiência nova e potencialmente inédita foi algo que apreciei muito. Ter o poder de dar espaço e tempo é não só algo que não deve ser manuseado de forma leviana mas também uma responsabilidade imensa. Usar este poder de uma forma extremamente benéfica para a Cultura, como o JACC o faz, é um exemplo muito positivo e que me incentivou para o trabalho cultural.

iii. A subsistência do Salão Brazil em Coimbra

Acho importante relevar também, neste estudo mais profundo de algumas vertentes do trabalho no Salão Brazil, as conclusões que formei depois do meu dia-a-dia ser o dia-a-dia do Salão Brazil e da equipa do JACC que o gere. Aqui, e para contextualizar, farei também um panorama pessoal e opinarei um pouco sobre a cultura e o seu consumo, especificamente em Coimbra.

Tendo em conta a população diversificada e jovem de Coimbra, seria de esperar que pelo menos alguns públicos seriam atraídos ao consumo de cultura na cidade. Coimbra tem 25 mil estudantes na sua Universidade, e adicionando a este fato a população da cidade e o fato de ser a maior cidade em alguma distância, supor-se-ia que houvesse um bom número de pessoas a visitarem os espaços culturais da cidade. Talvez não se expecte que todos os espetáculos encham, mas que muitos deles tenham uma boa quantidade de público, simplesmente pelo puro número de pessoas que se aglomeram em Coimbra.

Infelizmente, no entanto, muitas das noites no Salão Brazil resumiam-se a um público relativamente pequeno, e apesar da sala ter ficado composta com um bom número de pessoas, muitos dos espetáculos apenas retribuíam o dinheiro que fora investido neles. Muitos destes concertos com cartaz sólido e inovador, apostando numa programação diversa, rica e regular, com artistas nacionais e internacionais – no meu estágio lá, dos 28 concertos em que fiz parte da equipa de produção, 9 deles foram internacionais. É uma oferta cultural interessante e que está extremamente subaproveitada por várias razões.

Tive oportunidade de dialogar com a Adriana Ávila sobre o porquê de ser difícil reter públicos e ter um número fiável de pessoas que podem esperar durante as noites de espetáculos e também sugerir algumas soluções para este problema. Na altura desta conversa, tinha acabado de ser informado que a Câmara Municipal de Coimbra iria exercer o seu direito de preferência sobre o edifício do Salão Brazil e que estaria no horizonte a possibilidade de obras e reparos à estrutura. Desta conversa, surge a opinião partilhada que muita da atividade na noite de Coimbra se baseia em bares e discotecas – a questão da música e da dança até às últimas horas da noite é uma questão que atrai milhares de pessoas a sair à noite em Coimbra. O Salão tem algo que previne o convívio noturno devido a estar situado no coração da Baixa de Coimbra, com muitos edifícios residenciais à sua volta, uma condição extremamente proibitiva ao barulho feito à noite. Respeitando obviamente a integridade das decisões editoriais e curatoriais que são feitas no JACC, a programação, desviando-se para uma via em que as escolhas são feitas para privilegiar bandas que adicionem algo de novo e de inovador à oferta cultural em Coimbra, desvia-se também dos círculos de artistas e músicos que são reconhecidos por muitos dos públicos. É um caminho que privilegia o acesso a novas formas de arte, dando um espaço privilegiado aos músicos e

disponibilizando uma janela para quem os quer ver a suceder e um caminho que tem de existir numa cidade dinâmica como Coimbra. A oferta regular e diversa de cultura é uma responsabilidade portentosa, e dessa perspetiva o JACC cumpre o serviço que quer disponibilizar aos habitantes de Coimbra.

Podemos questionar por várias maneiras a fraca adesão de públicos, especialmente o público jovem, e uma das respostas poderá ser a parca comunicação e presença online do Salão Brazil. Pesquisando por ‘Salão Brazil’ no *Google* retorna-nos a página de Facebook, que pode ser um fator decisivo na entrada para o site ou não, tendo em conta que nem todos poderão ter Facebook nestes dias – o êxodo da rede social tem ganhado tração devido às questões da privacidade que se têm levantado na última década. Depois, temos *links* para a página da Bilheteira Online do Salão Brazil e para a agenda online *Viral Agenda*. Encontramos também um link para um *blogspot* criado por amigos do Salão Brazil que não é atualizado desde 12 de dezembro de 2012 e que só contem uma postagem a identificar o blog. Procurando por JACC, encontramos apenas o segundo link para nos redireccionar para alguma informação sobre o Clube, e esse link conecta-nos à página antiga do Jazz ao Centro Clube, não atualizada desde outubro de 2018 e infestada por anúncios intrusivos. Finalmente, procurando por Jazz ao Centro Clube, encontramos o novo website do Clube, desenhado pelo coletivo conimbricense Divisa, moderno e com uma interface muito acessível e que junta toda a informação relevante e necessária para conhecer o JACC e os seus projetos. Infelizmente, muitas destas procuras estão enviesadas devido à pesquisa que tenho feito para escrever este relatório e provavelmente não serão as mesmas para diferentes experiências, o que significará que será difícil encontrar uma presença universal do Salão Brazil e do JACC. Esta presença nas redes sociais também é algo que se poderá desenvolver para obter melhores respostas com um maior esforço para criar *engagement*; no entanto, é difícil para o Salão Brazil empregar um gestor de Redes, e quem o faz normalmente também é membro do Departamento de Produção, o que limita imenso o tempo que pode ser dispendido na divulgação possível dos espetáculos. Investir na promoção e na divulgação do Jazz ao Centro Clube e do Salão Brazil pode resultar em consequências positivas de retenção de públicos.

Outro problema que se identificou foi a fraca adesão do público nas faixas etárias dos estudantes universitários. Apesar de se notarem alguns “habituais” na minha própria faixa etária, com cerca de 20 a 25 anos, o Salão Brazil raramente capta público jovem nos diversos espetáculos que organiza - excetuando os concertos de Allen Halloween, de David Bruno, organizado em colaboração com a Rádio Universidade de Coimbra, e a noite em que o Salão hospedou o Circuito Supernova, que foram noites absolutamente marcantes e que encheram a sala de concertos do Salão até não haver espaço para mais – inclusive, estes 3 concertos esgotaram. Ou seja, apresentando artistas e concertos que estejam numa faixa mais conhecida, resguardando as escolhas curatoriais na qualidade do concerto apresentado, é relativamente fácil encher o Salão Brazil. Não quero insinuar que deve ser este o objetivo do Salão ou que o JACC deva mudar completamente o seu estilo de programação – o ponto que estou a tentar passar é que há imenso

público pronto e disposto para consumir cultura se essa cultura já tenha sido apresentada a eles anteriormente. A música de David Bruno, de Allen Halloween, dos Carne Doce, dos First Breath After Coma é música que acompanha muita da população jovem de Portugal e estão muito presentes no panorama musical de uma maioria da população.

A acompanhar o argumento de que há artistas que seguem o espírito curatorial do JACC e que estão presentes no horizonte geral da cultura, havia uma discussão lentamente a aparecer sobre a instalação de isolamento sonoro no Salão. para permitir que os concertos durassem mais tempo, para que o convívio no Salão não fosse cortado à meia-noite, para que pudessem ser feitos outros tipos de espetáculos, que envolvessem mais instalações de som, com o volume a poder ser mais elevado. Um dos exemplos de espetáculos que eram praticamente impossíveis de executar eram noites com disc-jockeys, em que a sala de espetáculos do SB fosse transformada numa pista de dança, sem palco. Este tipo de espetáculo, em *DJ set* ou em *live*, cativaria uma parte bastante grande da população jovem (e não só, claro, mas penso que seria nesta faixa etária que seria mais impactada) de Coimbra e injetaria um novo tipo de energia e de espaço na Baixa. O fato de ter um bar já montado e preparado para servir muitas pessoas é algo que também ajudaria a começar este tipo de projeto. Na minha opinião, acharia bastante interessante ver um Salão Brazil como *dancefloor* único na baixa e ficaria muito curioso para visitá-lo assim – tendo em conta a programação regular do Salão e o que a equipa poderia adicionar com a opção de prolongar a noite no SB, e tendo visto a artista Clothilde a criar um espetáculo com música eletrónica ao vivo maravilhoso, com potencial parecido ao de uma noite com música de dança, consigo imaginar muitas noites memoráveis se o JACC conseguir viabilizar esta alternativa.

Antes de concluirmos, merece também um parágrafo o apoio importante que o Salão Brazil recebe de públicos que compõe uma larga parte das noites do Salão Brazil, tanto na vertente específica do JACC e dos concertos que o JACC apresenta nos géneros específicos do jazz e da música improvisada, como na vertente de concertos de bandas icónicas e históricas de Coimbra (leia-se: The Parkinsons, que fazem 2 concertos de Natal anuais no Salão Brazil em noites consequentes em que trazem uma banda amiga dos Parkinsons em cada dia; os D30; os Subway Riders; os Birds Are Indie). A sala do SB é muitas vezes ocupada por grupos e círculos com muita sobreposição de pessoas, e não era incomum conhecer e reconhecer caras noite após noite. Algumas destas pessoas que retornam noite após noite ao Salão Brazil, tanto para ver novas bandas e artistas como para assistir a concertos de músicos que reconhece e gosta, são o público mais leal do Salão e, estando dentro dos dois grupos de públicos que mencionei acima, muitas vezes já conhecem ou o *staff* do Salão ou os próprios músicos que vão dar concertos. São este tipo de relações que cimentam bem a presença cultural do SB em Coimbra, que são consequências do forte foco na comunidade que o JACC intenciona ter e que funcionam como um dos métodos de subsistência do Salão.

Para finalizar este capítulo, que sirva este parágrafo para apreciar a carga de trabalho e de responsabilidade que está nos ombros do JACC e na equipa do Salão Brazil. Através dos múltiplos projetos que promove e desenvolve, o Clube e o Salão Brazil são entidades extremamente importantes em Coimbra, presenteando a cidade com um cartaz cultural anual e regular que é diversificado, variado e com interesse público. Há, aliado a esta apreciação, um ainda maior respeito pelo labor de amor que é feito com muitos poucos recursos; com falta de recursos humanos, sem uma fonte de financiamento segura e estável, com falta de investimento na estrutura e com um peso temporal absurdo para a equipa. O Salão Brazil investe muito mais do que talvez seria previsível para criar uma rede de eventos educativos, culturais e, mais importantemente, comunitários que suportem uma grande parte da vida cultural em Coimbra e é mesmo por esta razão que é reconhecido como um pilar importantíssimo da criação e exposição de arte na cidade.

4. Considerações sobre o estado da cultura em Coimbra

a. Reflexões pessoais sobre o estado e o futuro do Salão Brazil

Chegando ao final do Relatório de Estágio, depois de uma vista geral e mais focada no trabalho feito no Salão Brazil, chega a altura de dar a minha própria perspetiva sobre o Salão Brazil e o JACC.

Já tendo alguma experiência em programação, pré-produção e produção de concertos durante a organização dos Palcos RUC 2018 e 2019, e tendo gostado imenso do ambiente e do trabalho e apreciado bastante a responsabilidade envolvida com a organização de concertos num festival de música, sabia que era necessário para que tudo funcionasse bem uma gestão de tempo e de recursos eficiente e produtiva, tal como manter valores ideológicos que respeitem as intenções da programação da entidade e ainda perceber a escala real do impacto que estes festivais e estes concertos têm na comunidade que os recebe.

Partindo destes critérios, entrei no Salão Brazil entusiasmado para continuar a executar um tipo de trabalho que me satisfaz, que me deixa orgulhoso e em que ajudava a manter uma continuidade em que eu próprio participava regularmente. Sempre fui ávido consumidor de cultura e do próprio Salão Brazil durante a minha estadia em Coimbra, visitando-o muitas vezes.

Tenho em boa memória uma noite de novembro de 2018, em que um dos meus artistas preferidos de uma das minhas editoras preferidas visitou o Salão Brazil – Signor Benedick the Moor, *rapper* californiano, acabado de editar *cybr.pnk//mnfst.dstnii* na altura. Acompanhado do duo francês Daisy Mortem e de Ângela Polícia, Signor Benedick é muito pouco conhecido tanto na Europa como nos Estados Unidos da América – a sua editora, *Deathbomb Arc*, edita maioritariamente em cassetes, sendo um nicho claro da indústria musical. No entanto, o Signor Benedick veio a Coimbra, numa mini-digressão de 3 concertos em Portugal, e o Salão Brazil escolheu hospedá-lo e dar-lhe o espaço que ele precisava para expor a sua arte ao vivo. Esta escolha de programação, um ano antes de ter estagiado no Salão Brazil, fez com que me sentisse ligado profundamente à casa num sentido de agradecimento pela oportunidade de ver um dos meus músicos preferidos, sabendo que a probabilidade de alguma ver o ver em Portugal era baixíssima. Depois de um trabalho que cobre bastante do *underground* musical internacional no Palco RUC, e com a noção perfeita que é um privilégio poder fazer algo como o Palco RUC, ver uma entidade como o JACC a promover o mesmo tipo de espetáculos que eu queria ver feitos em Coimbra (e em Portugal em geral) foi algo marcante e que suscitou ainda mais respeito para o Salão Brazil e a sua equipa.

Não tinha grandes expectativas criadas, mas conhecia pessoalmente o Presidente atual do JACC, José Miguel Pereira, tanto do trabalho colaborativo que se faz na RUC entre as duas entidades, como da visita do mesmo a uma aula de Gestão e Produção Cultural, leccionada pelo Dr. Fernando Oliveira, e do que ele tinha exposto e do que conhecia da parte dele, parecia-me que o Salão estava em boas mãos e que seria uma boa colocação para o meu estágio.

Sobre a minha primeira experiência pessoal num ambiente de trabalho diário de longo termo, percebi bem a importância (tanto por me ser transmitido, tanto pelo tempo que passei no Salão com músicos, com a equipa, com os técnicos, com a gestora do bar e com a Chefe da cozinha do trabalho que lá era feito. Era, mais que tudo, um labor em que havia um esforço conjunto da equipa para que não só conseguíssemos apresentar bons e interessantes espetáculos, mas também para que os artistas gostassem de dar concertos no Salão Brazil, para que fossem bem recebidos em Coimbra e para que o seu espetáculo pudesse ser apreciado da melhor maneira possível. A responsabilidade de manter uma sala de espetáculos em Coimbra não é apenas a de oferecer concertos, declamações de poesia, sessões de cinema ou festas musicais – é a de manter viva um panorama cultural que a cidade merece ter. Esta responsabilidade, no JACC, estendeu-se para inúmeros locais e projetos, com o objetivo final de conseguir elevar a sua comunidade tanto como a comunidade elevou e fez o Salão ter sucesso.

Integrado numa equipa que já estava dedicada a manter a fasquia de qualidade marcada, foi fácil familiarizar-me com os seus membros e desenvolver uma relação mais informal. O meu objetivo foi sempre participar, colaborar e ajudar a que tudo corresse bem no Salão – notar que este objetivo era partilhado por todos foi um bom presságio no início do estágio. Todos parecíamos sentir a responsabilidade com que estávamos encarregados de uma forma positiva.

Esta responsabilidade e esta labuta de paixão, no entanto, não era composta uma carga de trabalho leve. A equipa desenvolve relações de informalidade facilmente porque é uma equipa extremamente pequena, e isso reflete-se na divisão e na acumulação de trabalhos. José Miguel, presidente, coordenador geral e diretor artístico do JACC, encarregava-se durante o dia de tratar de todo o planeamento logístico e organizacional, tal como da comunicação entre o JACC/SB e outras entidades, o que lhe deixava pouco tempo para a produção dos concertos em si. Adriana Ávila, diretora de produção, muitas vezes tinha de assumir responsabilidade de tarefas que poderiam ser delegadas se a equipa fosse maior. O fato do SB só ter um diretor técnico e um técnico consequência que em tempos de maior intensidade de eventos, o SB precisa de pessoas externas para assegurar todos os seus compromissos (como por exemplo o Festival Jazz ao Centro). A dependência de estagiários também é proibitiva para o desenvolvimento interno e a fixação de um emprego, pois a condição temporária deste tipo de “contrato” desvaloriza os ensinamentos que possam ser dados se olharmos para especificidades do Salão Brazil em

relação a outras salas de espetáculos, e também não permite a fixação de novas ideias ou a evolução de capacidades específicas devido à própria efemeridade de tempo em que o estagiário está no SB. Esta imensa carga de trabalho, em conjunto com a necessidade de mais recursos humanos, é algo que acabou por ficar marcado durante o estágio.

Podemos seguir na abordagem de problemas que são causados pela mesma razão da falta de recursos humanos: há uma ausência, acompanhada de uma necessidade grave, de investimento governamental, tanto pela autarquia como pela DGArtes, nas estruturas, nas programações, no desenvolvimento sistémico da cultura. Esta necessidade é traduzida em pequenos e grandes acontecimentos no Salão: por exemplo, durante o meu estágio, especialmente durante os Encontros Internacionais de Jazz em Coimbra (o Festival Jazz ao Centro), devido à partilha de espaços com outras entidades, foram precisos carregar e mover quase uma dezena de estrados (que servem de palco), mudança que exige a força, o trabalho e muito tempo de todos os membros da equipa do Salão, inclusive os que estão fora da produção de concertos. Esta mudança ocupava sempre cerca de 3 horas por semana se os estrados necessitassem de ser movidos, que acontecia regularmente. Este é um detalhe que passa despercebido, mas que faz uma diferença real no dia-a-dia no Salão.

O desenvolvimento da oferta do Salão Brazil poderia ser muito facilitado com a instalação de isolamento de som, para permitir concertos mais longos, a acabarem depois da meia-noite, ou até na aposta mencionada acima de transformar a sala de espetáculos numa pista de dança em ocasiões que o necessitassem. Esta instalação, no entanto, seria um projeto maciço e requereria um investimento governamental muito mais forte do que é atualmente. Algumas reparações, remodelações e melhoria da qualidade do espaço também seriam bem recebidas pelo JACC, como por exemplo a reparação do chão da sala de espetáculos, uma nova pintura e mobília mais recente para o primeiro andar, etc. – resumidamente, uma melhoria na qualidade da hospitalidade e no espaço de trabalho era algo que, apesar de não ser extremamente urgente, ajudaria o SB a ter sucesso.

A própria oferta cultural do Salão poderia ser incrementada exponencialmente com mais investimento estrutural – a possibilidade de pagar *cachets* maiores, de pagar voos internacionais, de hospedar artistas que o requisitassem em locais externos ao Salão Brazil era algo que elevaria ainda mais o potencial da programação do SB. Se o JACC passar a ter a opção de gastar mais capital para trazer os artistas que o exigem, terá certamente também um retorno maior nesses concertos, e torna-se num círculo vicioso que não só permite que o Clube tenha lucro, mas que possa continuar a investir numa programação integralmente a partir das suas intenções curatoriais.

Ocorreram também uma boa quantidade de oportunidades para criação de ligações para o futuro, uma consequência das excelentes relações que o JACC mantém com tanto o público que recebe como com outras entidades culturais conimbricenses e nacionais; estabeleci contacto com alguns artistas, conheci figuras importantes da edição de discos em Portugal e aprendi imenso sobre a cultura e sobre as perspetivas sobre a cultura que os participantes e criadores dessa cultura mantém. O Salão Brazil é, de facto, um local importante para a aglomeração e desenvolvimento do *status quo* cultural de Coimbra.

Destas oportunidades, muitas foram apenas consequência do esforço infindável da própria criação de oportunidades para a comunidade que o JACC insiste em criar. Este estágio introduziu-me ao grande mundo do poder e do impacto potencial possível que a cultura pode ter – todas as iniciativas educativas que são promovidas através e pelo Clube demonstraram-me fisicamente que a educação artístico-cultural é, na verdade, um investimento enorme na comunidade que a recebe, sentindo os seus efeitos latentes durante gerações. Este esforço é mais que tudo um esforço para a continuidade do Salão Brazil – o conhecimento cultural é um círculo – quando é criado, repetido e imposto numa população, cria-se também a necessidade de conhecer mais, obter mais informação, aprender mais. É um foco extremamente importante e valioso para a cidade e para o próprio JACC, que continua a ser exemplo inovador nesta vertente – e é por este mesmo foco que se sente a necessidade maior de mais investimento, porque será um investimento que retornará seguramente com muitos frutos.

Resta-me finalmente pensar no futuro do Salão Brazil, um futuro sem a pressão de estar situado num edifício com proprietários privados. Depois do conhecimento da informação que o edifício iria ser vendido a um investidor privado por cerca de um milhão de euros, a Câmara Municipal de Coimbra discussão sobre a Câmara Municipal exercer o direito de preferência sobre o nº 3 do Largo do Poço já estava começada durante o período do meu estágio – a dia 21 de novembro de 2019, Camilo Soldado escreve no Público que a proposta da aquisição seria votada “pelos vereadores no início da próxima semana”, e desde aí que não houve novidades sobre este processo. No entanto, no início de outubro de 2020, a escritura do edifício foi assinada por Manuel Machado, presidente da Câmara Municipal de Coimbra, obtendo assim a propriedade em que o Salão Brazil está situado, começando com esperança uma nova era. Esta nova aliança direta com a Câmara Municipal de Coimbra sugere um nível maior de investimento estrutural e sistémico, de recursos despendidos, de projetos desenvolvidos, de colaborações mais ambiciosas - todas sugestões que podem providenciar soluções para os vários problemas com que o JACC luta no Salão Brazil.

b. Sobre o horizonte futuro da cultura em Coimbra

Depois do tempo no Salão Brazil, evolui e cimenteí algumas opiniões sobre a cultura em Coimbra. Formalizei algumas conclusões acerca do estado em que a cidade estava com a acumulação de experiência na área e com provas presenciais das qualidades e dos defeitos da cidade. Em termos de experiência pessoal e durante o meu período académico nesta cidade, nunca fui acompanhado pelos meus pares estudantes a concertos excetuando uma ou duas ocasiões singulares. Só depois de começar o curso na Rádio Universidade de Coimbra é que conheci um grupo de pessoas grande que usufruía da oferta cultural da cidade, seja ela no Salão Brazil, no Teatro Académico Gil Vicente, na Oficina Municipal do Teatro, no Convento São Francisco, etc. Há, talvez, uma diferença grande entre os grupos de públicos que fazem uso da cultura prominente na cidade. É esta diferença que surpreende quando dizes como “não acontece nada em Coimbra” se tornam virais – apesar da população jovem universitária ser uma presença enormemente relevante na cidade, não é esta população que se perfila como consumidora de cultura. Na verdade, as coisas simplesmente não param de acontecer em Coimbra, mas não há uma luz focada nelas para lhes trazer atenção – a não ser que essa luz seja procurada. Há uma presença online das entidades, há publicidade fixa nas ruas, há programas de rádio e secções de jornais a anunciar os eventos a acontecerem, mas parece haver uma estagnação no crescimento das entidades, muito devido à já mencionada falta de financiamento prévio que previne aposta culturais mais arriscadas.

Aliado a este tempo com uma perspetiva única da cidade, o tempo que passo na Rádio Universidade de Coimbra também me deu outros conhecimentos – as entidades na cidade são conhecidas, mas parece haver um desinteresse pesado na criação e no consumo artístico. Os agentes culturais que mais cativam públicos em Coimbra são os agentes culturais que se apresentam em Coimbra vindo de Lisboa ou do Porto. Apesar de haver ligações estabelecidas com muitas outras entidades culturais no país, Coimbra não tem tanto poder institucional como essas duas cidades – como seria de esperar – mas há muito pouco que surge em Coimbra a ser apreciado em Coimbra.

Lançam-se então as perguntas: por quem é feito o consumo de cultura em Coimbra, porque é que o fazem e porque é que parece haver tão pouca adesão à vida cultural da cidade? A quantidade de eventos em que se discutiu e conversou este mesmo assunto é imensa, e vê-se a cidade a ficar ultrapassada apesar de ter uma oferta cultural proporcional ao seu tamanho, com diversidade nos temas que apresenta.

O que será então o futuro da cultura em Coimbra? Uma estagnação que condena as salas de espetáculo a subsistirem de concursos governamentais e de desenvolvimento de projetos com a administração municipal, cortando imensos tipos de espetáculos que não são visto como merecedores de exposição em Coimbra? Ou um investimento a pensar no futuro em que a abertura de possibilidades seja

uma hipótese real, que atraia um novo interesse e uma nova dinâmica ao panorama cultural conimbricense? Esperaremos as mesmas vozes, uma continuação da programação como é feita agora, mantendo o *status quo* ou elevar-se-ão novos agentes culturais, novas oportunidades e novos espaços de cultura? Exemplos como o Festival APURA, que surge de uma iniciativa de jovens universitários com vontade de dinamizar a cidade, continuarão a ter sucesso e veremos mais destes projetos a aparecerem? A cidade parece bastante agradada e pronta a recebê-los.

Não há maneira de prever o que acontecerá institucionalmente e culturalmente em Coimbra que reverta o sentido sobre o qual a cultura continua a operar, especialmente num ano tão difícil e complicado como 2020 tem sido. A pandemia global do COVID-19 atingiu um setor cultural já muito frágil com perdas enormes, tanto pelas próprias salas de espetáculo e pelos agentes culturais como pelas dezenas de milhares de trabalhadores culturais, que deixaram completamente de ter trabalho devido à necessidade de isolamento e distanciamento. Estes mesmos agentes culturais viram-se forçados a sustentar-se com uma adaptação brusca e muito pouco preparada para as redes sociais e para a internet, se isso fosse uma possibilidade sequer. Ainda no final do ano passado, reparámos uma revolta bastante justificada de um número de artistas e promotores sobre a (des)importância da cultura no Orçamento de Estado – se o setor já estava ferido, uma interrupção súbita e obrigatória de todo o trabalho de produção de espetáculos ao vivo foi uma abertura paralisante dessa ferida. Requererá, por certo, um reinvestimento e uma aposta forte no desenvolvimento da área, especialmente para que todos os trabalhadores consigam subsistir e ter uma vida digna mesmo nestas circunstâncias, e que as administrações nacionais e regionais consigam adaptar estas circunstâncias para que a cultura continue a acontecer, a ser transmitida, a ser oferecida e a ser educada pelo país fora.

Nos anexos, encontra-se uma entrevista a José Miguel Pereira, o Presidente atual do Jazz ao Centro Clube. Graciosamente, esclareceu algumas das dúvidas que tive acerca do Salão Brazil, tanto diretamente relacionadas com o JACC como questões mais gerais sobre a cultura em Coimbra, em que tentei ligar as minhas próprias indagações com o conteúdo do relatório para comparar a minha perspetiva com a do próprio Presidente do JACC.

5. Conclusão

Apesar de sentir concluído o Relatório depois de levantar as últimas questões no penúltimo subcapítulo, sinto necessidade de agradecer profundamente ao próprio José Miguel Pereira, que sempre foi compreensivo e deu-me sempre o tempo necessário para fazer uma decisão no início do estágio, e que sempre me incentivou a seguir para onde ficasse melhor. Ter-me recebido no Salão Brazil acabou por ser um destino bom, pois pude continuar a viver em Coimbra, cidade que aprecio bastante, e fazer um dos meus trabalhos preferidos com o JACC e pude trabalhar com ele.

Agradeço também a toda a equipa do SB por me terem recebido da melhor maneira, dando-me oportunidade de aprender sobre o funcionamento operativo de uma casa que estimo tanto com o Salão. Todas as conversas que pude ter durante a minha presença no Salão Brazil com Allen Halloween, com Jasper Stadhausers, com David Bruno, com outros inúmeros artistas, os momentos de convívio, as refeições à volta da mesa, mostrou tudo o amor à cultura que está presente e se quer manter no SB.

Ter iniciado assim a minha primeira experiência de trabalho foi excepcionalmente importante e sortudo, e consolidei a minha certeza na intenção de continuar a fazer acontecer cultura em Portugal. Apesar de ter sido difícil receber respostas de mais entidades no país, não me desmotiva para o futuro que possa continuar este trabalho e até desenvolver algum da minha própria iniciativa.

Finalmente, um obrigado ao Dr. Fernando Matos de Oliveira por me incentivar nesta tarefa, tanto pela agilização do estágio como pelo incentivo a que fizesse um bom Relatório.

Chegando ao final de Dezembro de 2019, concluo o estágio e começo a refletir sobre os pros e os contras desta transição para o mercado de trabalho pela via de estágio curricular. Será importante dizer que as ligações da Universidade são úteis, mas muito limitadas, também devido à dificuldade de sustento pela qual as entidades culturais sofrem, sufocando também oportunidades de novas ligações e da renovação de gerações de profissionais capacitados, conhecedores e com uma presença estável na indústria. Este afastamento dos novos profissionais entre a sua saída do ensino superior com o mercado de trabalho é sinal de uma estagnação viciosa na indústria, reduzindo as hipóteses de dinâmicas, ideias e modos operativos inovativos surgirem. Talvez seja demasiado idealista da minha parte, mas senti que uma das partes mais importantes do estágio foram as discussões e as conversas sobre como entender o *status quo* da cultura em Coimbra e em Portugal, nas suas particularidades e nas suas semelhanças. Sentia-se um ambiente positivo, mas de luta constante contra as adversidades circunstanciais constantes que eram consequência da ausência de estabilidade financeira e de recursos humanos. Num ambiente mais propício à criação, com mais possibilidades de extensão e de reunião de projetos, não há limites para

o que é possível – a dedicação e o esforço do Jazz ao Centro Clube provam isso, mesmo sem o ambiente a rodeá-lo. Não subestimo as outras entidades culturais portuguesas, pois acredito, conhecendo alguns dos seus agentes, que a quantidade de ideias que ficam por realizar será gigantesca e muitas dessas ideias seriam maravilhosas dentro e fora do panorama cultural nacional.

Este sofrimento causa também a que o próprio trabalho do estágio seja limitado a um trabalho físico, sempre de campo, e a sua duração e *timing* no ano seja proibitiva de um labor mais curatorial e editorial, inserindo o estagiário diretamente tanto na produção física de espetáculos como na sua escolha e marcação, no trabalho logístico, na pré-produção, no tratamento da ligação da cultura com a legislação, na questão dos direitos de autor. Entrando no estágio, já não estava à espera de ter este contacto específico com a definição da agenda do Salão Brazil, mas teria gostado muito de poder entrar um pouco neste mundo pelo Jazz ao Centro Clube devido ao seu tipo de programação, que já apreciava.

A única ideia com que fico é que não só acho que há um buraco gigante no investimento na cultura em muito do nosso país, mas também há muito pouco incentivo para a ida à cultura. Em mim, ficou e realizou-se a promessa que para ver cultura e apoiar (no possível) as salas de espetáculo, não nos podemos limitar ao nosso conhecimento para ver os artistas que queremos, tem também de haver uma vontade de consumir cultura inerente. Há que apoiar uma vontade de aprendizagem e educação cultural permanente na população, e fazer com que essa vontade seja satisfeita o mais facilmente possível, dando as vias e os meios para que a criação se atualize e modernize sempre que necessário.

Havendo espaços e recursos humanos para que se crie, para que se faça curadoria, para que se realizem ideologias culturais, há um futuro promissor em Portugal. O esforço terá de ser um de apoiar para que todas estas pessoas e todas as ideologias sejam possíveis de realizar a sua expressão artística.

6. Bibliografia, Webgrafia e Fontes Consultadas

Campeão das Províncias. (2019, 21 de janeiro). *JACC Aplauda Intenção Da Câmara De Comprar Edifício Do Salão Brazil*. <https://www.campeaprovincias.pt/noticia/jacc-aplaude-intencao-da-camara-de-comprar-edificio-do-salao-brazil>

Campeão das Províncias. (2020, 4 de janeiro). *Câmara de Coimbra adquiriu por um milhão de euros o prédio do Salão Brazil*. <https://www.campeaprovincias.pt/noticia/camara-de-coimbra-adquiriu-por-um-milhao-de-euros-o-predio-do-salao-brazil>

Soldado, C. (2019, January 21). *Câmara De Coimbra Quer Comprar O Prédio Do Salão Brazil*. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2019/11/21/local/noticia/camara-coimbra-quer-comprar-predio-salao-brazil-1894520>

Castelo Pires, P. (2017). *Manual De Produção Das Artes Do Espetáculo* (L. Fonseca Raimundo, Ed.). Chiado Editora.

Jazz ao Centro Clube. *Jazz Ao Centro Clube*. Obtido de <http://jazzaocentroclube.pt/>

Jazz Ao Centro Clube. Obtido de <https://www.facebook.com/jazzaocentro/>

Salão Brazil. Obtido de <https://www.facebook.com/Salaobrazil/>

Revista Jazz.pt. *Jazz.pt*. Obtido de <https://www.jazz.pt>

7. Anexos

Entrevista a José Miguel Pereira, presidente, coordenador geral e diretor artístico do JACC

Leonardo Pereira (LP): O que é, na sua essência, o Jazz ao Centro Clube?

José Miguel Pereira (JMP): O JACC - Jazz ao Centro Clube nasceu após um processo mais ao menos longo, em que pessoas com um especial interesse pelo Jazz enquanto género musical foram discutindo formas através das quais pudessem ter concertos de Jazz de uma forma regular em Coimbra.

O núcleo de pessoas que acabou por formalizar a constituição do JACC, a 30 de abril de 2003, já andava a reunir-se há algum tempo e encontrou um bom ponto de apoio na preparação da CNC 2003.

Esse grupo bastante amplo de pessoas acabaram por explicitar nos Estatutos do JACC (uma associação cultural Sem Fins Lucrativos) aquilo que é a missão fundacional da associação: a promoção, divulgação e ensino do Jazz.

O que é certo é que essa missão fundacional e com ela a “essência” ou “núcleo identitário” do JACC tiveram de ser negociados ao longo do tempo, face à evolução da realidade cultural local e às transformações estruturais mais abrangentes.

LP: Reparámos que na sua evolução, o JACC nunca parou de se expandir, expandindo os seus projetos para fora do âmbito de organização de espetáculos. Porquê?

JMP: Como creio que acaba por ficar claro na resposta anterior, a expansão da missão e dos objetivos da associação não tiveram somente que ver com a questão das atividades para além da organização de concertos.

Desde o início, a tripla missão - promover, divulgar e ensinar - pressupunha que o JACC deveria fazer tudo ao seu alcance (e capacidade) para alargar as oportunidades para ouvir e aprender sobre este género musical. Nesse sentido, as aventuras editoriais (jazz.pt e JACC Records) fazem parte desse núcleo fundacional.

Com ligeiras modificações, de 2003 a 2012, o JACC mantém-se estreitamente ligado aos objetivos traçados no momento da sua constituição, mantendo uma atividade centrada em quatro iniciativas: Festival Jazz ao Centro, jazz.pt, Portugal Jazz - Festival Itinerante de Jazz e JACC Records.

Se quisermos identificar um momento em que podemos começar a detectar algumas modificações na “essência” ou “núcleo identitário” do JACC, julgo que poderíamos identificar esse momento no mês de agosto de 2012. Nesse mês o JACC estava a produzir uma das iniciativas mais marcantes da sua história (no âmbito do Jazz, em parceria com a Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto), uma residência artística em Pedrogão Pequeno, uma Aldeia de Xisto do concelho da Sertã e, sem que nada o fizesse prever, a Direção do JACC foi confrontada com a possibilidade de adquirir o trespasse do Salão Brazil e de concretizar aquilo que tinha sido o desejo do Clube desde a sua fundação.

Ora, o Salão Brazil, ao invés do que seria de esperar, não se tornou um “Clube de Jazz”, nem mudou o seu nome para Jazz ao Centro Clube.

Pelo contrário, “obrigou” o JACC a transformar a sua identidade...

LP: Podes descrever um pouco cada um destes projetos e os seus objetivos? O Serviço Educativo, o Clube UNESCO, o site Jazz.pt, as editoras JACC Records e Cena Jovem e o projeto Sons da Cidade – quais são as metas que querem alcançar? De onde surgem estas iniciativas?

JMP: Partindo do princípio que está esclarecida a questão relativa à jazz.pt (e, por inerência à Cena Jovem jazz.pt) e à JACC Records, talvez seja melhor concentrar a atenção nos outros projetos.

Efectivamente, todos eles nascem a partir do papel que, de uma forma ou doutra, fomos projetando ao longo do tempo para o Salão Brazil.

O primeiro a aparecer e o mais relevante é o Serviço Educativo do JACC.

Apesar de só ter surgido em 2015, o Serviço Educativo é fruto de um trabalho que teve início em 2013, com uma iniciativa denominada “O Território Dentro de Nós”. Essa iniciativa procurava reflectir acerca do papel que um espaço como o Salão poderia ter num território como a Baixa de Coimbra e foi nesse contexto que nasceu o Arquivo Sonoro do Centro Histórico de Coimbra (ASCHC), com Direção Artística do Luís Antero.

E como as coisas estão todas ligadas, podemos dizer que, se em 2013 nasceu o ASCHC, o Sons da Cidade, que nasceu em 2014 com objetivo de celebrar a inscrição, pela UNESCO, da Universidade de Coimbra na Lista de Património Mundial, surgiu precisamente a partir do Arquivo e o trabalho que foi realizado levou à formação do Serviço Educativo do JACC, em 2015.

O Serviço Educativo procurava dar uma forma coerente a estas novas tarefas que o JACC estava a assumir enquanto entidade programadora e gestora do Salão Brazil.

Tudo o que veio a seguir: Museu Temporário de Memórias, o Festival Dar a Ouvir: Paisagens Sonoras da Cidade (que este ano celebrou a sua 4ª edição) e o Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra [arquivochc.ces.uc.pt] nascem deste confronto com o território e as comunidades.

LP: Os Encontros Internacionais do Jazz em Coimbra são, claramente, uma das maiores apostas anuais do JACC. Que prestígio encontraram na realização do festival? Quanto impacto sentes que o festival causa na cidade?

JMP: O Jazz ao Centro - Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra foram o motor para a formalização do próprio JACC enquanto associação cultural sem fins lucrativos.

São, de facto, um dos momentos em que o JACC mais investe recursos humanos e financeiros. Durante mais de dez anos foi a única iniciativa de maior fôlego dedicada ao Jazz na Cidade de Coimbra. Hoje, partilha o espaço com outras iniciativas dedicadas ao Jazz e a própria cidade tem, hoje em dia, uma programação regular em vários espaços.

Isto não quer dizer que os Encontros Internacionais tenham perdido importância. Em boa verdade, nos últimos anos têm conseguido alcançar novos públicos, muito por causa da sua realização em espaços muito diversos da cidade, muitos deles não convencionais e, também frequentemente desconhecidos de muitos conimbricenses.

Por outro lado, continua a ser um espaço privilegiado de criação e em todas as edições dos últimos anos tem sido gravado pelo menos um concerto que encontra o seu caminho para uma edição discográfica (em editoras como a Clean Feed, a JACC Records, ou a Cipsela).

Estas edições acabam por provocar também reações fora do país, onde os discos são maioritariamente adquiridos.

LP: Qual é, na tua perspetiva, a importância do JACC em Coimbra? Que peso tem o Salão Brazil como instituição cultural?

JMP: De uma forma geral, as instituições culturais têm um peso muito reduzido em Coimbra. Isso se atentarmos ao seu orçamento e, portanto, à sua capacidade de atuação.

O Salão Brazil trouxe, indubitavelmente, uma maior notoriedade e reconhecimento público ao trabalho do JACC, até porque se localiza numa zona deprimida da cidade e o programa artístico que o JACC tem levado a cabo tem permitido dinamizar e atrair gente àquela zona.

Por outro lado, o Salão Brazil tem servido de ponto de apoio a muitos criadores da cidade, sobretudo na área do Jazz, mas também do pop-rock (protagonizado pelas bandas e artistas agregados na Blue House, por exemplo).

Se juntarmos a isto algumas iniciativas paralelas, que vão ganhar mais expressão nos próximos anos, e que estão ligadas às práticas artísticas ligadas à participação cívica, o JACC e o Salão Brazil têm um papel importante no repensar do que pode ser a função de um centro cultural independente no contexto urbano.

LP: No seguimento da pergunta anterior, qual é o sentimento com que ficas quando olhas para o trabalho que se faz no Salão Brazil?

JMP: 8 anos de Salão Brazil e mais de 1000 concertos realizados permitem perceber que o Salão Brazil ocupa um espaço importante no contexto da oferta cultural musical na cidade.

E, se pensarmos no espaço privilegiado que os artistas da cidade ocupam na programação, por um lado, e no facto de Coimbra, através do Salão, fazer parte de um circuito de artistas nacionais e internacionais, percebemos que o cenário cultural seria mais pobre se não existisse um espaço como o Salão Brazil.

LP: Tendo um olhar interno sobre o ‘status quo’ da cultura em Coimbra, quais achas que são as maiores vantagens e desvantagens de fazer curadoria de espetáculos musicais nesta cidade? Haverá alguma solução para remediar as lacunas com que praticamente todas as salas de espetáculo em Coimbra sofrem? (leia-se: a falta de financiamento, a dificuldade em subsistir e em reter públicos, a fraca adesão das audiências, etc.)

JMP: Todas as cidades de média dimensão em Portugal enfrentam problemas similares, pelo que será errado (e injusto) atribuir esses problemas a alguma especificidade coimbrã.

O que é específico é o potencial que é frequentemente identificado e que tem sido difícil atualizar (ou seja, tornar realidade). E creio que isso é válido para todas as entidades artísticas da cidade, independentemente do domínio/disciplina artística.

As soluções poderiam advir de um investimento (não somente financeiro) significativo no quadro, por exemplo, da candidatura a Capital Europeia da Cultura.

Há muito trabalho a fazer na criação e formação de novos públicos, no desenvolvimento de audiências, na comunicação/divulgação daquilo que acontece na cidade. Quase invariavelmente, todas essas dimensões deveriam estar a ser alvo de um trabalho coerente e estruturado por parte da autarquia, em diálogo com os agentes culturais e com os estabelecimentos de ensino (enter outras instituições).

LP: Que tipo de público vê mais a apoiar a cultura em Coimbra?

JMP: Continuando com o que estava a ser discutido na última questão, conhecer o(s) público(s) e saber das formas de o(s) interpelar é um dos grandes desafios, que merecia estudo e um plano de ação consentâneo com os resultados dessa análise.

De uma forma geral (e sem grande suporte científico), poderíamos dizer que um problema central é o facto de a procura estar concentrada em grupos muito específicos. Não é que sejam completamente homogêneos, mas são certamente pessoas com qualificações académicas, que residem sobretudo nas freguesias urbanas e que, nas suas trajetórias de vida, estão em fase de acumulação ou já acumularam algum capital cultural.

O que dizer da oferta cultural nas freguesias não urbanas (todas à excepção da União de Freguesias e dos Olivais)? E o que dizer dos hábitos de saída cultural da comunidade universitária?

LP: Qual é o processo de escolha para os espetáculos que escolhem apresentar? São influenciados ou impactados por razões externas ou a curadoria regular parte das intenções originais do JACC?

JMP: A programação do Salão Brazil responde a esses dois impulsos. Por um lado, responde à carência de oferta cultural musical na cidade e, portanto, assume a função de oferecer espetáculos que não se encontram noutros locais, privilegiando a ideia de diversidade. Por outro, trabalhamos na linha daquilo que são prioridades para o JACC: o jazz, as músicas experimentais e obras mais difíceis de rotular.

Na escolha dos projetos musicais que apresentamos no Salão, todos esses fatores estão em jogo. Além da qualidade artística, estão em causa factores como a relevância, a resposta a parceiros de programação, a abertura aos coletivos locais, etc.

LP: Que relações é que o Clube mantém com outras entidades conimbricenses? A comunidade cultural em Coimbra é competitiva ou há amizades institucionais que beneficiam os participantes?

JMP: O JACC tem relações de parceria e colaboração com mais de uma dezena de instituições culturais na cidade. Este ano realizámos ou iremos realizar atividades n'Ó Teatrão (Oficina Municipal do teatro), no TAGV, no Pavilhão Centro de Portugal (Orquestra Clássica do Centro), no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, na Casa das Artes Bissaya Barreto, Museu Nacional Machado de Castro, etc.

Além disso, mantemos uma relação de parceria com o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e com a Casa da Esquina, que se traduz em projetos colaborativos.

A Câmara Municipal de Coimbra e a Reitoria da Universidade de Coimbra são também parceiras e financiadores de alguns dos principais projetos levados a cabo pelo JACC.

O JACC tem relações de parceria com a FEUC, o Departamento de Engenharia Informática (DEI - FCTUC) e com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra acolhendo estágios e promovendo projetos em parceria.

De uma forma geral, a cooperação institucional entre os agentes culturais é uma realidade, havendo partilha de recursos (equipamentos) e solidariedade ativa em múltiplas questões.

LP: A Câmara Municipal de Coimbra adquiriu em 2020 o edifício do Salão Brazil por direito de preferência. O que é que isto significará para o JACC?

JMP: A aquisição do edifício do Salão Brazil por parte da Câmara significa o reconhecimento da importância histórica dos usos do edifício ao longo do tempo. Ou seja, não é só o Salão gerido pelo JACC que levou à aquisição, é toda a história (quase centenária) e centralidade do edifício na memória dos conimbricenses.

No entanto, embora o *Salão Brazil* faça parte do imaginário e vivências de um número significativo de conimbricenses, foi só nas duas últimas décadas que o edifício ganhou um estatuto especial no que se refere ao conjunto urbano do *Centro Histórico de Coimbra*.

Esse estatuto especial ganhou expressão concreta no Programa Estratégico de Reabilitação Urbana (PERU), um documento de 2012 que enquadra a Operação de Reabilitação Urbana (ORU), a implementar num prazo de 15 anos, e que reveste a tipologia de ORU sistemática, foca-se na reabilitação do edificado, espaço público (espaços urbanos e verdes de utilização coletiva), infraestruturas, equipamentos, acessibilidades e transportes e atividades económicas, segundo uma perspetiva integradora que considera todas as componentes urbanas capazes de influir positivamente no processo de regeneração urbana a implementar.

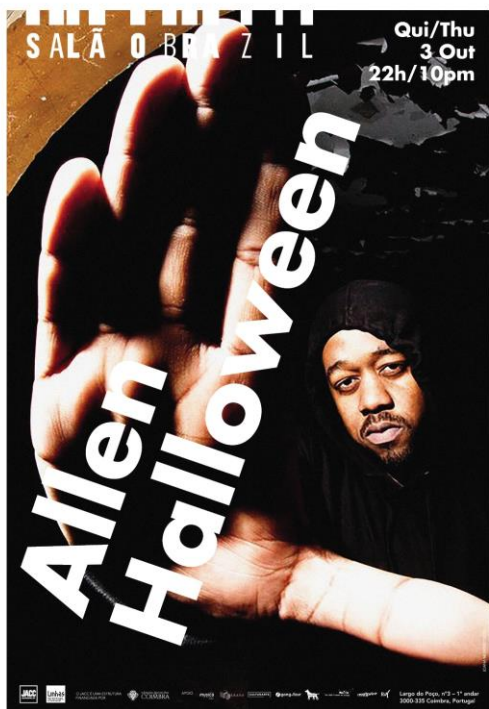
No PERU referente à Área de Reabilitação Urbana “Baixa de Coimbra”, o edifício sito no Largo do Poço, nos 1-3 é integrado na ação B | 1.2.B como uma das “âncoras funcionais” da Baixa.

Na ata no 54 da Reunião da Câmara Municipal de Coimbra, de 25/11/2019, o Presidente de Câmara refere que o PERU prever a “dinamização e expansão das atividades socioculturais já presentes neste edifício”, estando o prédio localizado numa zona estratégica de reabilitação urbana e tendo atividades complementares que são as que o PERU define como âncoras funcionais da Baixa e destinado a acolher atividades socioculturais relevantes (página 39 da Parte II do PERU: Síntese das Ações).

Portanto, as nossas expectativas são que se cumpra esta ideia da expansão e dinamização das funções e usos sócio-culturais do edifício. E isto, de preferência, com o JACC a fazer parte dessa dinamização, de uma forma que permita consolidar o trabalho que foi realizado ao longo dos últimos 8 anos e alavancar outras iniciativas de transformação urbana na Baixa, centrada nas Artes e na Cultura e sem perder de vista a importância dos moradores e do espaço público.

Posters dos espetáculos em que participei como membro da produção

3 Outubro – Allen Halloween



4 Outubro – Hugo Martins



10 Outubro – Frágoso Quinteto @ Convento São Francisco



11 Outubro – Warm-up Festival Lux Interior (Subway Riders + From Atomic) + 12 Outubro - Warm-up Festival Lux Interior (Ghost Hunt + Wipeout Beat)



18 a 26 de Outubro – Encontros Internacionais do Jazz em Coimbra



SEX 18 OUT 21H30 CONVENTO SÃO FRANCISCO Alberto Conde IBERIAN ROOTS TRIO

Alberto Conde é um músico português de origem espanhola... Alberto Conde nasceu em 1958 em Coimbra...



SÁB 19 OUT 18H RÁDIO UNIVERSIDADE DE COIMBRA Jasper Stadhouders

Jasper Stadhouders nasceu em 1978 em Amsterdã... É um músico holandês que toca guitarra elétrica...



SÁB 19 OUT 18H30 CASA DAS ARTES BISSAYA BARRETO Michael Moore Hugo Antunes

Michael Moore nasceu em 1958 em Los Angeles... Hugo Antunes nasceu em 1968 em Lisboa...



SÁB 19 OUT 21H SALÃO BRAZIL Dikeman/Govart De Joode Twenty One 4tet

Dikeman nasceu em 1968 em Amsterdã... Govart nasceu em 1970 em Amsterdã...



SEX 20 OUT 18H30 COLÉGIO DA GRAJA - NÚCLEO DE COIMBRA Maria Vilanueva e Vânia Couto Siu Kiu

Maria Vilanueva nasceu em 1968 em Madrid... Vânia Couto nasceu em 1970 em Lisboa...



SEX 20 OUT 21H30, TAGV Fred Frith Trio

Fred Frith nasceu em 1948 em Nova Iorque... É um músico americano que toca guitarra elétrica...



SEX 18 OUT 22H SALÃO BRAZIL Luso-Dutch Large Ensemble

Carlos Zingaro nasceu em 1968 em Lisboa... É um músico português que toca guitarra elétrica...



SÁB 19 OUT 17H30 MUSEU NACIONAL MACHADO DE CASTRO Espingão/D'Warelis

Carlos Zingaro nasceu em 1968 em Lisboa... É um músico português que toca guitarra elétrica...



SÁB 19 OUT 21H30 CONVENTO SÃO FRANCISCO Steve Coleman and Five Elements

Steve Coleman nasceu em 1958 em Nova Iorque... É um músico americano que toca saxofone...



DOM 20 OUT 17H CENTRO MORTÓN DE MATOS Orquestra de Jazz de Espinho

Orquestra de Jazz de Espinho nasceu em 1980... É uma orquestra portuguesa que toca jazz...



SEX 20 OUT 18H30 COOLA BOOLA COLAS Lantana

Lantana nasceu em 1968 em Lisboa... É um músico português que toca guitarra elétrica...



SEX 20 OUT 21H30, SALÃO BRAZIL Susana Santos Silva Yedo Gibson/Vasco Trilla Fish Wool

Susana Santos Silva nasceu em 1968 em Lisboa... É uma cantora portuguesa que toca jazz...



SÁB 20 OUT 18H CASA DAS ARTES BISSAYA BARRETO Ka Baird

Kathleen Baird nasceu em 1968 em Nova Iorque... É uma cantora americana que toca jazz...



DOM 27 OUT 18H CENTRO DE ARTES VISUAIS Amado/McPhee Kessler/Corsano Quartet

Rodrigo Amado nasceu em 1968 em Lisboa... É um músico português que toca saxofone...



SÁB 20 OUT 21H SALÃO BRAZIL Gabriel Ferrandini

Gabriel Ferrandini nasceu em 1929 em São Paulo... É um músico brasileiro que toca guitarra elétrica...



QUI 14 NOV 21H30, CONVENTO SÃO FRANCISCO Miguel Rodrigues Trio

Miguel Rodrigues nasceu em 1968 em Lisboa... É um músico português que toca guitarra elétrica...



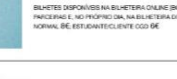
QUI 12 DEZ 21H30, CONVENTO SÃO FRANCISCO Grupo vencedor do Open Call #2

Grupo vencedor do Open Call #2 nasceu em 2019... É um grupo português que toca jazz...



SEX 18 OUT 18H30, CASA DAS ARTES BB Matinée

Matinée nasceu em 1968 em Lisboa... É um músico português que toca guitarra elétrica...



DOM Rui Miguel Abreu

Rui Miguel Abreu nasceu em 1968 em Lisboa... É um músico português que toca guitarra elétrica...

ENCONTROS INTERNACIONAIS DE JAZZ DE COIMBRA 18-27 OUT 2019. Includes logos of sponsors like JACO, CCKABRA, and various jazz clubs.



QUI 10 OUT 21H30, CONVENTO SÃO FRANCISCO Fragoso Quinteto

Fragoso Quinteto nasceu em 1968 em Lisboa... É um grupo português que toca jazz...



QUI 12 DEZ 21H30, CONVENTO SÃO FRANCISCO Grupo vencedor do Open Call #2

Grupo vencedor do Open Call #2 nasceu em 2019... É um grupo português que toca jazz...

OUTRAS ACTIVIDADES: QUI 10 OUT 21H30, CONVENTO SÃO FRANCISCO Fragoso Quinteto; QUI 17 OUT 18H30, COOLA BOOLA Cocktail Listening Party; COM Luís Vicente, Hugo Antunes e John Dikeman

QUI 14 NOV 21H30, CONVENTO SÃO FRANCISCO Miguel Rodrigues Trio; SE PRECIO BAIXO GRUPO ORNA JOVEM JAZZ PT; QUI 12 DEZ 21H30, CONVENTO SÃO FRANCISCO Grupo vencedor do Open Call #2

SE PRECIO BAIXO GRUPO ORNA JOVEM JAZZ PT; QUI 12 DEZ 21H30, CONVENTO SÃO FRANCISCO Grupo vencedor do Open Call #2; SE PRECIO BAIXO GRUPO ORNA JOVEM JAZZ PT

COM Luís Vicente, Hugo Antunes e John Dikeman; No contexto do lançamento de disco do músico brasileiro, grande durante uma residência artística no Salão Braço, três dos músicos participaram grande não menos do que no período em O Cuckoo Bar & Food Lab estarão disponíveis para quem o desejo poderemos fazer o jantar à vontade, bastando para tal que reservem, dando que se fazemos neste local.

SE PRECIO BAIXO GRUPO ORNA JOVEM JAZZ PT; QUI 12 DEZ 21H30, CONVENTO SÃO FRANCISCO Grupo vencedor do Open Call #2; SE PRECIO BAIXO GRUPO ORNA JOVEM JAZZ PT



31 Outubro – Festival Lux Interior @ Salão Brazil (Dirty Coal Train, The Act Ups, Flying Cages)



1 Novembro – Juseph + Cosmic Mass



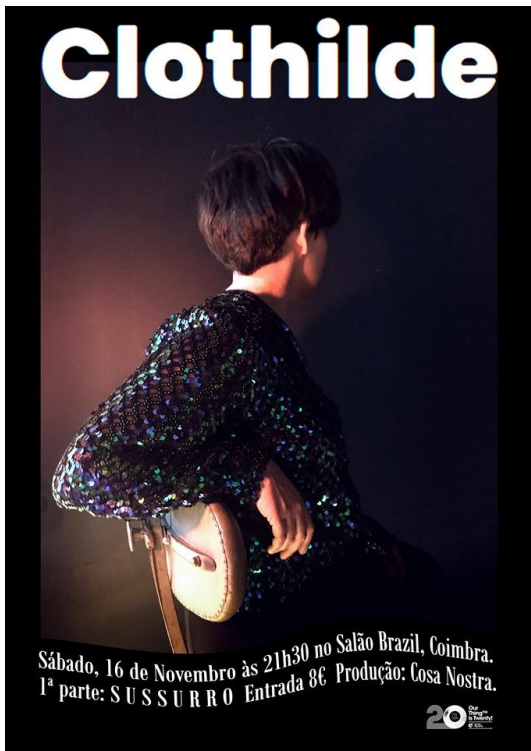
2 Novembro – Valter Lobo



8 Novembro – A Banda Mais Bonita da Cidade



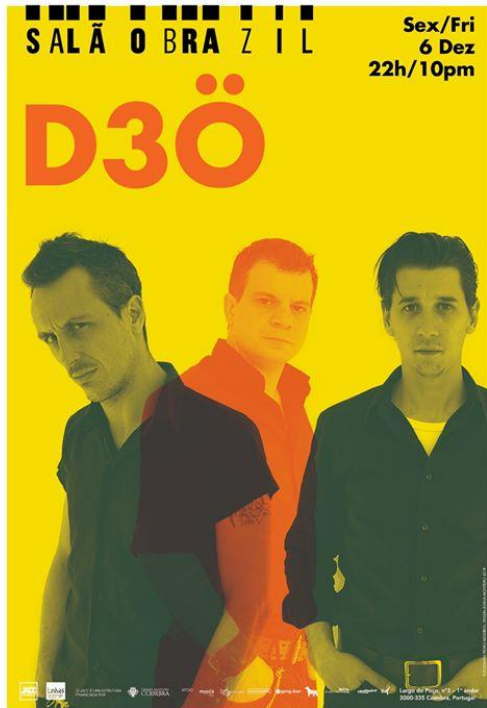
16 Novembro – Clothilde + Sussurro 20 anos Cosa Nostra



30 Novembro – Circuito Super Nova (First Breath After Coma, Lonzdale's Fantasy, Solar Corona)



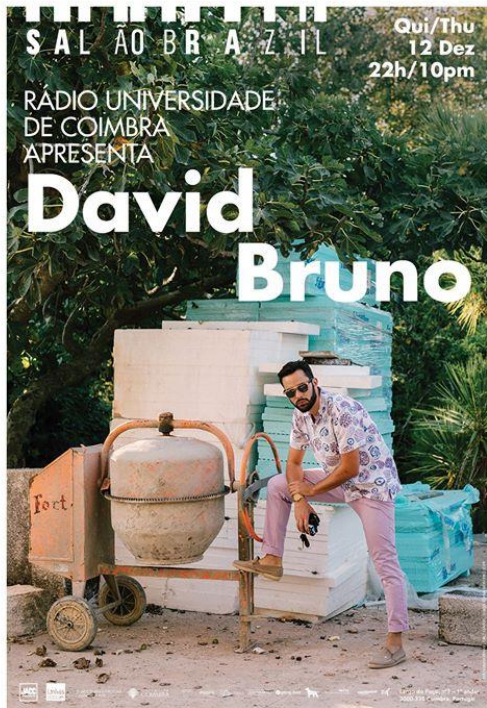
6 Dezembro - (D30 + A Puppet Show Named Julio)



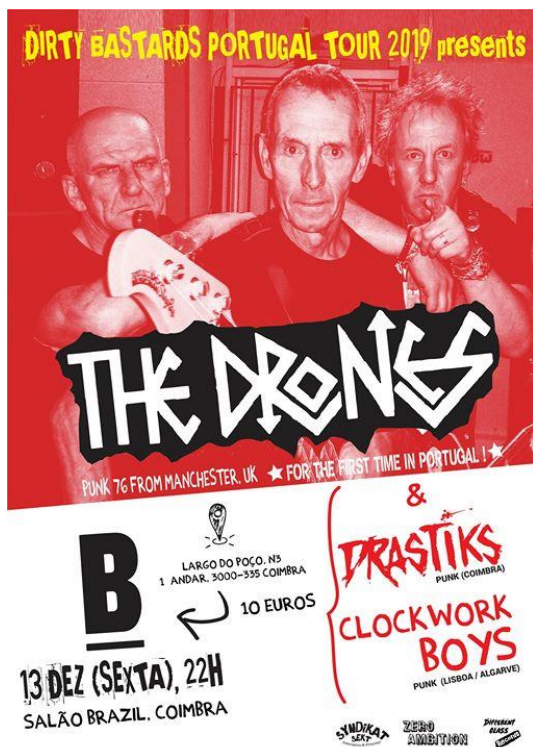
7 Dezembro – Best Youth (Cherry Domino Club)



12 Dezembro – A RU(apresenta: David Bruno



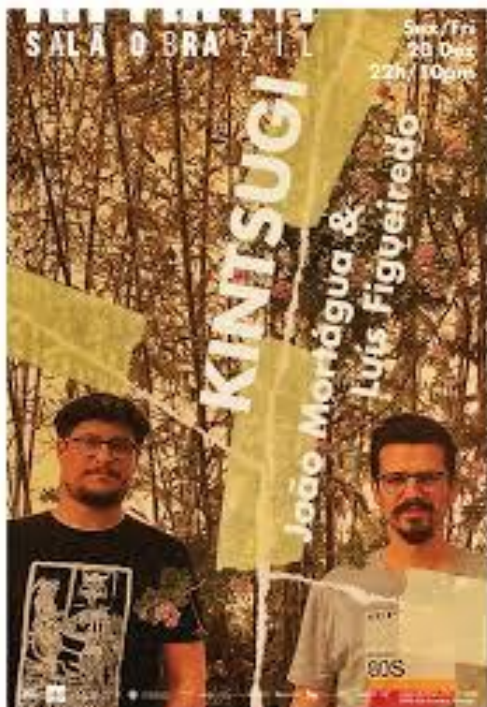
13 Dezembro – The Drones + Drastiks + Clockwork Boys



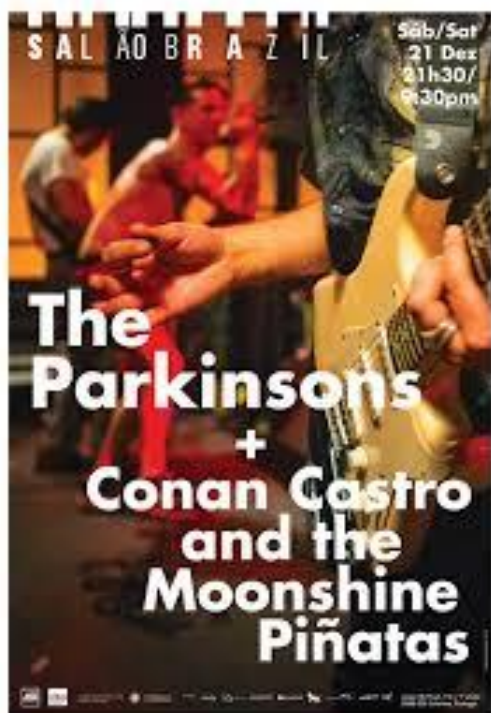
14 Dezembro – AYOM



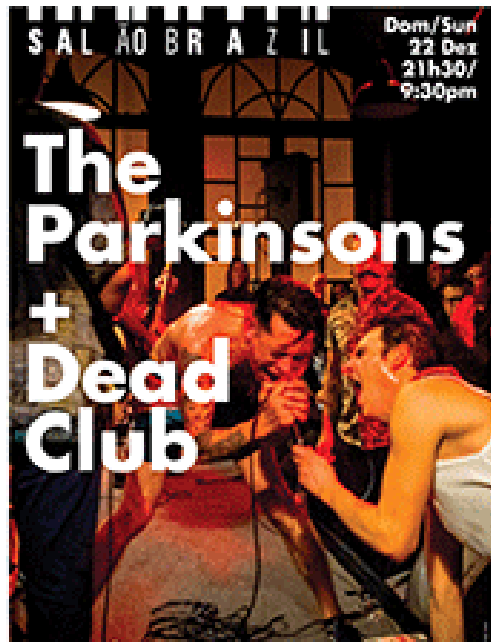
20 Dezembro – João Mortágua & Luís Figueiredo “Kintsugi”



21 Dezembro – The Parkinsons + Conan Castro and the Moonshine Piñatas



22 Dezembro – The Parkinsons + Dead Club



28 Dezembro – Aniversário a Jigsaw | Blue House



«